

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

TACIELLY SOARES LIMEIRA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
Principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio em escolas
privadas de Porto Alegre

Porto Alegre
2022

TACIELLY SOARES LIMEIRA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA:

Principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio em escolas privadas de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração, pelo Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Emanuelle Nava Smaniotto

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio, compreensão e encorajamento, que foram de extrema importância para o êxito deste trabalho e fundamentais em todo o decorrer da minha vida acadêmica, pessoal e profissional. Em especial, à minha mãe, minha grande incentivadora, pelo carinho, paciência e palavras e atitudes de incentivo nos momentos cruciais.

Agradeço à minha orientadora Emanuelle Smaniotto que acreditou neste trabalho e aceitou participar deste desafio. Obrigada pelas orientações, sugestões e por todo o auxílio e dedicação, que foram essenciais para o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso de Administração por todo o conhecimento transmitido no decorrer da minha graduação.

Agradeço também às escolas e aos professores que aceitaram participar deste estudo dedicando tempo para contribuir com este trabalho e disseminar a educação financeira.

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar os principais desafios enfrentados durante o processo de aprendizagem a jovens estudantes do ensino médio sob a perspectiva dos professores. Consiste em um estudo qualitativo descritivo o qual foi realizado através de um estudo de caso com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a representantes da gestão de escolas da região de Porto Alegre – RS, bem como a professores destas escolas que participaram do estudo. Os resultados obtidos apontam que ainda existem muitos desafios a serem enfrentados no contexto escolar para transmitir o conhecimento de forma satisfatória como a oferta de material, formação e capacitação dos educadores e tempo adequado para o professor planejar as suas aulas adequadamente. Todavia, foi identificado uma evolução quanto ao assunto, visto que foi possível perceber uma maior inserção da educação financeira nas escolas devido à atual estrutura da BNCC e uma mudança quanto a abordagem do assunto em sala de aula tornando a educação financeira mais explícita nas aulas. Conclui-se que a educação financeira se faz necessária a todo e qualquer indivíduo como forma de auxiliar em tomadas de decisão financeiras e, a partir disso, proporcionar uma maior estabilidade e saúde financeira ao indivíduo para que como consequência este possa usufruir de uma qualidade de vida melhor.

Palavras-chave: Desafios; Educação Financeira; Ensino Médio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura geral da BNCC.....	23
Figura 2 – Estrutura da BNCC do ensino médio.....	25
Figura 3 – Principais desafios da educação financeira nas escolas	27
Figura 4 – Ciclo de Vida Financeira	29
Figura 5 – Unidade de caso	41
Figura 6 – Principais aspectos oriundos das entrevistas	50
Figura 7 – A educação financeira e sua importância	51
Figura 8 – Principais desafios sob a perspectiva dos professores	66
Figura 9 – Principais desafios enfrentados pela educação financeira nas escolas...	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos chave	17
Quadro 2 – Estudos empíricos	31
Quadro 3 – Resumo das entrevistas	43
Quadro 4 – Educação financeira nas escolas no nível de ensino médio	58
Quadro 5 – Pontos de atenção e perspectivas futuras	76

LISTA DE SIGLAS

ANBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
BCB	Banco Central do Brasil
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNDL	Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Tema e problema de pesquisa	12
1.2 Objetivos	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 Delimitação de pesquisa	14
1.4 Justificativa	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 Educação financeira no Brasil	16
2.1.1 Educação financeira e jovens brasileiros.....	20
2.2 Educação financeira nas escolas brasileiras	22
2.2.1 Desafios da educação financeira nas escolas brasileiras.....	26
2.3 Educação financeira e finanças pessoais: sua importância	28
2.4 Estudos empíricos	30
3 METODOLOGIA	40
3.1 Delineamento da pesquisa	40
3.2 Definição da unidade de caso	41
3.3 Técnica de coleta de dados	42
3.4 Técnica de análise de dados	44
3.5 Limitações do método	45
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	47
4.1 Importância da educação financeira	47
4.1.1 Papel de alguns agentes: governo, escola e família.....	52
4.2 Educação financeira no contexto escolar	54
4.2.1 Percepção da gestão das escolas sobre a relevância de abordar a educação financeira no contexto escolar.....	59
4.2.2 A educação financeira e a interdisciplinaridade.....	61
4.3 Principais desafios no processo de aprendizagem	64
4.3.1 Percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos.....	70
4.4 Percepções e expectativas futuras	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82

APÊNDICE A – ROTEIRO ENTREVISTA GESTÃO DAS ESCOLAS.....	87
APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA PROFESSORES	88
ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 1	89
ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 2	90
ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 3	91
ANEXO D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 4	92
ANEXO E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 5.....	93

1 INTRODUÇÃO

Questões de âmbito financeiro e econômico são cada vez mais de grande relevância no contexto global devido a sua importância para a vida de cada indivíduo, bem como para o desenvolvimento econômico da sociedade (MENDES, 2015). Realizar um processo de troca com outra pessoa (compra e venda), efetuar um controle sobre o próprio orçamento ou negociar eventuais dívidas são algumas das situações em que é possível perceber que aspectos financeiros estão presentes de forma prática no cotidiano das pessoas. Dessa forma, visando evitar eventuais complicações financeiras como o endividamento, por exemplo, é necessário estar atento às armadilhas oriundas de ofertas tentadoras, gastos excessivos e ausência de reservas financeiras (MENDES, 2015).

Porém, atualmente, não são poucos os brasileiros que se encontram endividados ou com o orçamento apertado. No Brasil, segundo levantamento realizado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em fevereiro de 2020, quatro em cada dez brasileiros encontravam-se negativados o equivalente a 60,8 milhões de pessoas atingindo cerca de R\$ 3.257,80 o valor médio de cada consumidor negativado se somado todas as dívidas deste mesmo período (SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC), 2020). Em outra pesquisa, também realizada pela CNDL e SPC juntamente com o Sebrae, em fevereiro e março de 2019, identificou-se que as principais motivações pelas quais jovens brasileiros não honram seus compromissos financeiros são: perda de emprego, 24,1%; não realização de um planejamento prévio de suas despesas ou gastar mais do que realmente pode, cerca de 21%; realizar empréstimos no próprio nome para que terceiros realizem alguma ação com o dinheiro, 19,8%; e diminuição da renda apresentando um percentual de 17,4% (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOGISTAS (CNDL), 2019). Tal cenário é proveniente de diversos fatores como a crise econômica que o país vem enfrentando, o crescente consumo apresentado pela sociedade, entre outros.

Um dos fatores que também contribui para este cenário consiste na falta de conhecimento sobre aspectos básicos de âmbito financeiro da população brasileira em geral (MENDES, 2015; PELICOLI, 2011). Conforme aponta a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os níveis de alfabetização financeira, bem como de conscientização sobre a necessidade de ser

financeiramente educado são consideravelmente baixos entre os indivíduos (ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE), 2005). Com isso, torna-se comum que muitas pessoas tomem decisões financeiras equivocadas – como a obtenção de determinado financiamento ou empréstimo bancário que não condizem com seu orçamento – e acabem em situações financeiramente complicadas (MENDES, 2015). De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB) (2013, p.12):

A ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos que lhes trariam satisfação.

Conforme levantamento realizado pela CNDL, três em cada dez jovens já estiveram com o nome sujo, sendo que entre as dívidas mais mencionadas constam: parcelas do crediário, 26,4%; empréstimos pessoais/consignados, 20,7%; parcelas de financiamento de automóvel, 20,6%; e parcelas de financiamento da casa própria, 18,7% (CNDL, 2019). Situações como essas exemplificadas brevemente poderiam ser minimizadas ou mesmo evitadas se os indivíduos adotassem hábitos financeiros mais saudáveis como a elaboração do orçamento pessoal, por exemplo, visto que este trata-se de um instrumento que auxilia no planejamento e controle das próprias finanças contribuindo, por sua vez, para a concretização de sonhos e projetos pessoais e profissionais (BCB, 2013).

Todavia, de acordo com a pesquisa realizada em janeiro de 2020 pelo SPC em conjunto com a CNDL, quase metade dos consumidores brasileiros, cerca de 48%, não possuem nenhum tipo de controle sobre o seu orçamento, o que indica que de fato há muitos brasileiros que não realizam um controle mínimo sobre as suas receitas e despesas (SPC, 2020). Confiança na própria memória para lembrar de todos os gastos, falta de disciplina, delegação da tarefa para terceiros, não possuir um rendimento fixo ou não saber exatamente a própria receita mensal são algumas das justificativas para a inexistência de controle financeiro pessoal mapeadas pela mesma pesquisa (SPC, 2020). Entre os jovens, os costumes financeiros não são muito discrepantes destes mencionados, visto que cerca de 47% desse público admitem não realizar o controle sobre as próprias finanças sendo que

as principais justificativas para tal hábito também condizem com as já mencionadas anteriormente (CNDL, 2019).

Outro aspecto relevante quanto a relação de jovens com as finanças trata-se da percepção do uso de seus recursos financeiros. Embora sete em cada dez jovens afirmem preocupar-se muito com o amanhã e, em razão disso, pensam muito bem em cada bem ou serviço adquirido, apenas 24,8% preparam-se de fato para a própria aposentadoria (CNDL, 2019). Fato preocupante, pois ao adotar esses maus costumes financeiros é possível que durante a vida adulta estes jovens venham a enfrentar maiores dificuldades financeiras sendo assim de grande importância evitar hábitos financeiramente não saudáveis como gastos excessivos desde cedo que possam vir a ocasionar em perdas financeiras significativas e impactar de forma negativa o futuro desses jovens (CNDL, 2019). Seguindo a mesma lógica, Calixto (2007) complementa que devido ao crescente envelhecimento da população brasileira e crise da previdência privada é de grande importância que os indivíduos realizem um planejamento financeiro desde cedo e controlem os próprios gastos a fim de desfrutar de uma aposentadoria mais tranquila.

Pelicioli (2011), indica que aqueles que efetuam um planejamento a longo prazo e estabelecem metas tendem a alcançar maior segurança e tranquilidade econômica. Dessa forma, é possível afirmar que ao não adotar o costume de organizar, planejar e controlar as próprias finanças o indivíduo possivelmente não possuirá uma vida financeiramente saudável deixando de usufruir de possíveis oportunidades que poderiam surgir caso houvesse um controle – mesmo que simples – sobre as próprias decisões financeiras. Corroborando com essa ideia, o SPC (2020) afirma que realizar o registro de receitas e despesas, bem como estimar o orçamento pessoal pode contribuir para uma melhor estabilidade financeira do próprio indivíduo, visto que haverá um melhor preparo para realizar planos a longo prazo e para lidar com eventuais imprevistos como a perda do emprego ou emergências que demandem o desembolso de um elevado valor e evitando, por conseguinte, um possível endividamento.

Diante deste contexto e limitando-se a região de Porto Alegre – RS devido a pesquisadora ter acesso a essa região com maior facilidade, ou seja, por conveniência, o presente estudo buscou analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e compreensão da importância da educação financeira a jovens estudantes do ensino médio de escolas privadas a partir da perspectiva de quem

ensina. Ressalta-se que a cidade de Porto Alegre possui uma população bem distribuída de aproximadamente 1.409.351 habitantes de acordo com o último censo divulgado pelo IBGE em 2010 e conta com 143 escolas do nível de ensino médio além de 40.899 alunos matriculados e 2.839 docentes atuantes em 2020 no mesmo nível de ensino (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2021).

1.1 Tema e problema de pesquisa

A atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio contempla quatro áreas de conhecimento sendo estas Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, das quais os alunos, em tese, ao final da sua formação devem ter adquirido uma série de conhecimentos e competências como comunicação, argumentação e pensamento científico, crítico e criativo, por exemplo (SAE Digital, 2021). Porém, conforme expõe Halfeld (2001), muitas vezes as instituições escolares acabam deixando lacunas na formação dos jovens. Diante disso, tais jovens acabam não adquirindo de fato as aptidões esperadas e, por conseguinte, sofrem reflexos dessa falha no processo de ensino ao decorrer da vida adulta.

Dentro dessa situação encontra-se também a educação financeira que, apesar de estar inclusa nos currículos de ensino fundamental e médio das escolas do país conforme orientação presente na BNCC, muitas vezes deixa de ser bem explorada ou sequer é abordada em sala de aula (BCB, 2013). E, por vezes, quando abordada, os alunos acabam não demonstrando real motivação ou interesse pelo conteúdo deixando de apropriar-se do assunto. Silva, Leal e Araújo (2018) e Pelicoli (2011) corroboram com essa visão ao mencionarem que há um baixo domínio sobre o tema entre jovens estudantes e que, embora esteja prevista nos currículos escolares do país, a educação financeira ainda é distante dos alunos.

Assim, ao não terem adquirido conhecimentos de âmbito financeiro como o esperado no fim de sua formação acadêmica, os jovens tendem a apresentar maiores dificuldades em lidar com situações de natureza financeira no dia a dia (SILVA; LEAL; ARAÚJO, 2018). Para isso, a educação financeira pode ser utilizada como instrumento para o desenvolvimento de habilidades e competências que

proporcionem uma melhor gestão dos próprios recursos, mensuração e consciência de oportunidades, escolhas e consequências de cada escolha, bem como auxiliar em uma tomada de decisão com o objetivo de que esta seja a mais assertiva possível e, conseqüentemente, traga o maior número possível de benefícios para o próprio indivíduo (SILVA; LEAL; ARAÚJO, 2018). Além disso, a educação financeira pode promover um impacto significativo em uma sociedade, visto que a mesma objetiva proporcionar uma melhor qualidade de vida a curto e longo prazo, bem como alcançar de forma inteligente metas e objetivos pessoais e profissionais (MENDES, 2015).

A partir deste contexto, é perceptível a importância da educação financeira e os impactos que ela pode promover em uma sociedade. Sendo assim, conforme menciona Silva, Leal e Araújo (2018), quanto mais cedo contextualizar e inserir a juventude com questões de natureza financeira, maior será a familiarização dos indivíduos com este assunto permitindo que os mesmos aproveitem melhor possíveis oportunidades e usufruam de uma vida financeiramente mais saudável. Corroborando com essa ideia, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico recomenda que a educação financeira seja iniciada ainda em ambiente escolar e que todos os indivíduos devem ser educados sobre questões de âmbito financeiro de maneira precoce (OCDE, 2005). Assim, ao adquirir noções básicas sobre finanças, é possível que o indivíduo organize, planeje e controle de forma mais eficiente e eficaz o seu orçamento tomando as decisões mais assertivas para si mesmo. Diante dessa perspectiva surge o seguinte questionamento:

Quais são os principais desafios enfrentados, sob a perspectiva dos professores, no processo de ensino sobre educação financeira a jovens estudantes do ensino médio?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e compreensão da importância da educação financeira a jovens estudantes do ensino médio através da perspectiva dos professores.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Compreender os desafios da educação financeira para jovens no Brasil;
- b) Verificar a percepção da gestão das escolas quanto à importância de abordar a temática financeira nas escolas;
- c) Verificar a percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos em compreender questões de âmbito financeiro;
- d) Identificar a partir da perspectiva dos professores os principais desafios enfrentados durante o processo de ensino de questões financeiras.

1.3 Delimitação de pesquisa

O presente estudo teve como delimitação de pesquisa escolas da rede privada da cidade de Porto Alegre do estado do Rio Grande do Sul com o objetivo de identificar, sob a perspectiva dos professores, os principais desafios enfrentados no processo de aprendizagem de questões financeiras em escolas da rede privada de Porto Alegre. Diante disso, destaca-se a delimitação quanto à amostragem do presente estudo onde se obteve uma amostra de pesquisa muito específica e, portanto, não podendo ser generalizada para demais regiões do Brasil, assim como para o contexto da rede pública do país.

Também foi considerado como delimitação o nível de ensino analisado. O estudo visou apenas o nível de ensino médio por entender-se que é nesta etapa do ensino que os jovens estudantes estão ingressando no mercado de trabalho e, conseqüentemente, iniciando a própria gestão sobre os seus recursos financeiros.

1.4 Justificativa

Esse tema foi escolhido devido à percepção da importância, bem como os impactos que a educação financeira pode ter em uma sociedade. Questões de âmbito financeiro são de grande relevância para todo e qualquer indivíduo, pois fundamentam e contribuem para uma melhor gestão tanto em âmbito profissional quanto pessoal. Ao utilizar a educação financeira como instrumento, provoca-se impactos que ultrapassam a vida pessoal de cada indivíduo atingindo também suas comunidades e, por conseguinte, a economia do país, visto que a qualidade das

decisões financeiras individuais influencia no agregado econômico do país, uma vez que ambos os fatores estão diretamente interligados (BCB, 2013). Sendo assim, este estudo visou contribuir a partir da análise dos desafios enfrentados durante o processo de ensino de conhecimentos de âmbito financeiro a jovens estudantes do ensino médio.

Autores como Halfeld (2001) e Silva et al. (2017) indicam que conhecimentos sobre educação financeira provenientes das instituições escolares ainda são baixos e apresentam lacunas na formação dos brasileiros. Com isso, a pesquisa visou gerar uma contribuição principalmente às escolas, pois ao analisar a real percepção de quem ensina quanto aos desafios percebidos no decorrer do processo de educação de questões financeiras é possível verificar melhor quais são os principais entraves a serem enfrentados e o quanto é relevante abordar este tema de forma precoce com os alunos inserindo-os mais cedo nesse contexto e, conseqüentemente, tornando o processo de aprendizagem sobre finanças mais familiar aos jovens estudantes.

Notou-se que, embora pesquisas e estudos sobre o tema em questão venham se tornando cada vez mais frequentes, ainda se faz necessário na literatura pesquisas complementares sobre o assunto com estudos no tocante da perspectiva de quem ensina quanto aos obstáculos enfrentados durante esse processo de aprendizagem.

Conhecimentos básicos de educação financeira permitem aos indivíduos maior qualidade em suas decisões financeiras e, conseqüentemente, contribuem para o desenvolvimento econômico do país (BCB, 2013). Assim, adquirir noções básicas sobre o tema possibilita aos indivíduos de determinada sociedade uma vida financeiramente mais saudável e estável permitindo que haja maior segurança e proveito sobre seus recursos financeiros. Possibilitando, por consequência, que a sociedade como um todo seja financeiramente mais consciente e que situações de endividamento e inadimplência, por exemplo, diminuam ou mesmo sejam evitadas.

Visando proporcionar maior entendimento sobre o assunto, o próximo capítulo busca explicar os principais conceitos relacionados ao tema central deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo auxiliar na compreensão dos conceitos sobre o problema de pesquisa. Para tal, são explicados os principais conceitos abordados neste estudo a partir de pesquisas bibliográficas.

Inicialmente é abordado o atual cenário da educação financeira no Brasil para melhor contextualização do assunto e em seguida aprofunda-se a relação dos jovens brasileiros com a educação financeira. Posteriormente, entra-se no contexto escolar abordando como a educação financeira está presente nas escolas brasileiras e alguns dos principais desafios enfrentados neste contexto. Já no terceiro subcapítulo é comentado a questão da importância da educação financeira e das finanças pessoais na vida dos indivíduos e, por fim, são apresentados alguns estudos empíricos relacionados com o tema a fim de proporcionar uma perspectiva mais abrangente sobre o assunto.

2.1 Educação financeira no Brasil

A educação financeira é algo de grande relevância em uma sociedade, visto que está diretamente interligada com o agregado econômico do país (BCB, 2013). Sendo assim, torna-se essencial que esse tema esteja cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. De acordo com Jacob, Hudson e Bush (2000), o termo “educação” consiste em conhecimentos necessários para a compreensão e funcionamento das atividades de natureza financeira e o termo “financeira” implica sobre as diversas atividades relacionadas ao dinheiro que estão presentes cotidianamente na vida das pessoas.

Segundo a OCDE (2005, p. 5), a educação financeira é:

[...] o processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem-estar financeiro.

Diante disso, a educação financeira atua como um instrumento que objetiva proporcionar aos indivíduos os conhecimentos necessários para gerenciar de forma

mais eficiente e eficaz seus recursos pessoais e profissionais visando não apenas o curto prazo, mas também o médio e longo prazo (LIZOTE et al., 2016). “Ser educando financeiramente significa saber usar o dinheiro excedente, pagando dívidas, investindo e formando patrimônio.” (MENDES, 2015, p. 12). Halfeld (2001) expõe ainda que a educação financeira é de grande importância para as pessoas, pois auxilia no planejamento e na gestão das próprias finanças permitindo também uma maior conscientização quanto ao hábito de poupar e investir. O quadro 1 sintetiza os principais conceitos relacionados ao tema deste trabalho.

Quadro 1 – Conceitos chave

Conceito	Significado	Autor
Educação	Está atribuído a extrair, tirar e desenvolver consistindo na formação de caráter das pessoas.	Olivieri (2013)
Finanças	Processos, instrumentos, instituições e mercados envoltos na troca de dinheiro entre empresas, governos e mesmo indivíduos.	Soares (2015)
Educação Financeira	Meio de fomentar conhecimentos e comportamentos básicos de âmbito financeiro que proporcionam uma melhor qualidade de vida de cada indivíduo, bem como de suas comunidades.	BCB (2013)
	Processo de transferência de conhecimentos visando uma maior compreensão e habilidades de natureza financeira a fim de auxiliar as pessoas em decisões financeiras mais seguras e assim aprimorando a gestão sobre as próprias finanças.	Savoia, Saito e Santana (2007)
Educação Financeira Escolar	Conjunto de informações que introduz estudantes no universo do dinheiro e os estimula quanto ao entendimento de questões de âmbito financeiro e econômico por meio de um processo de ensino que os auxilia em atitudes mais sóbrias e críticas sobre sua própria vida financeira, seu meio familiar e sua comunidade.	Silva e Powell (2013)

Fonte: Elaborado pela autora.

No Brasil, essa temática ainda é pouco presente no cotidiano dos brasileiros (BCB, 2013). Mendes (2015) menciona que, embora muitos indivíduos reconheçam a importância de ter uma vida financeiramente saudável e equilibrada, sem dívidas e com recursos que possam ser destinados a investimentos, poucos agem de maneira proativa para alcançar essa situação financeiramente saudável alegando falta de tempo ou mesmo falta de interesse em aprender sobre o assunto. Segundo o BCB

(2013, p. 12), “[...] não há uma cultura coletiva, ou seja, uma preocupação da sociedade organizada em torno do tema.”. É possível notar este cenário de inexistência cultural sobre aspectos financeiros em vários contextos da sociedade brasileira como nas empresas privadas onde não há investimentos no desenvolvimento de habilidades e competências de natureza financeira de seus colaboradores, nas escolas onde o tema é pouco abordado e mesmo no ambiente familiar dos brasileiros, visto que os membros das famílias não possuem o hábito de debater entre si sobre o assunto (BCB, 2013).

Pesquisas recentes realizadas por diversas instituições como SPC, CNDL e ANBIMA indicam alguns dados relevantes sobre o tema no país. De acordo com a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) (2017), 85% dos indivíduos reconheçam a importância de ter uma reserva financeira, mas 52% das pessoas não possuem nenhuma espécie de reserva financeira para lidar com eventuais imprevistos. Para o SPC (2020) essa situação trata-se de um dos principais reflexos que a falta de educação financeira pode ocasionar. Outro indicador que reflete essa carência de conhecimento dos brasileiros sobre questões de âmbito financeiro é o fato de que a poupança ainda é o investimento mais escolhido por seis em cada dez pessoas (SPC, 2020).

Quando observado uma perspectiva de longo prazo, é notado que o cenário não é tão discrepante quanto o exposto anteriormente. Seis em cada dez brasileiros, o equivalente a 56% da população, não se preparam financeiramente para a própria aposentadoria e 39% provavelmente não conseguiriam arcar com um eventual imprevisto sem recorrer ao auxílio de terceiros ou mesmo de um empréstimo (CNDL, 2019). Daqueles que poupam e investem seus recursos financeiros somente 16% diversificam seus investimentos, ou seja, aplicam seus recursos em pelo menos dois tipos distintos de investimentos - hábito um pouco arriscado, pois concentrar todos os recursos em uma única espécie de aplicação reduz a possibilidade de maiores rendimentos e aumenta o risco de possíveis perdas caso algum imprevisto venha a ocorrer com o investimento em questão (SPC, 2019).

Apesar disso, também há indícios de melhorias, mesmo que pequenas, neste contexto da educação financeira. Um destes indícios consiste em abordar a temática financeira em ambiente familiar. Conforme pesquisa realizada em 2019, embora a educação financeira ainda seja pouco discutida em âmbito familiar, se percebe um crescimento no número de famílias brasileiras que discutem sobre o assunto (CNDL,

2019). De acordo com o levantamento, cerca de 85% dos entrevistados assumiram conversar sobre o orçamento com seus familiares sendo que 51% afirmaram debater com frequência e 21% apenas quando há dificuldades financeiras, além de 79% dos indivíduos já tomarem decisões em conjunto com os familiares sobre os gastos que são compartilhados por todos os que residem na mesma casa (CNDL, 2019).

Percebe-se também a existência de ações no país no tocante a educação financeira como, por exemplo, a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em dezembro de 2010 por meio do Decreto Federal 7.397/2010 com a finalidade de (a) fortalecer a cidadania, (b) alavancar a eficiência do sistema financeiro do país, (c) promover a educação financeira e previdenciária no Brasil e (d) proporcionar tomadas de decisão de âmbito financeiro mais conscientes (ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF), 2019). Na página online da entidade, Vida e Dinheiro, é disponibilizado de forma gratuita diversos materiais como livros didáticos e materiais informativos, por exemplo, a jovens e adultos visando promover maior conscientização da população sobre o tema (TOKARNIA, 2019).

A partir desse contexto, nota-se a importância da educação financeira para a população brasileira, uma vez que esta é utilizada como ferramenta auxiliando os cidadãos a se tornarem financeiramente mais conscientes, gerenciar os próprios recursos de forma mais eficiente e, conseqüentemente, usufruir de uma vida financeiramente mais saudável (BCB, 2013; LIZOTE et al., 2016; SILVA; LEAL; ARAÚJO, 2018). Conforme expõe LUCCHI et al. (2006) a conscientização da população quanto a aspectos financeiros é de grande importância, pois a educação financeira auxilia na compreensão de fatores e variáveis envolvidas a uma decisão de natureza financeira ao servir como ferramenta para uma tomada de decisão mais assertiva. Tendo isso em vista, nota-se a importância de introduzir o assunto de forma precoce aos indivíduos visando tornar o tema mais familiar à juventude além de auxiliá-la no desenvolvimento de habilidades e competências quanto à gestão dos próprios recursos (SIVA; LEAL; ARAÚJO, 2018). Diante disso, o próximo tópico explora a relação dos jovens com a educação financeira.

2.1.1 Educação financeira e jovens brasileiros

Diariamente as pessoas estão envolvidas com questões de natureza financeira seja em ambiente profissional ou pessoal e, em função disso, conhecimentos acerca de consumo, dívidas e taxas de juros, por exemplo, são percebidas de forma prática no decorrer da vida de todos os indivíduos (PELICIOLI, 2011). E com os jovens não é diferente. Conforme exemplifica Silva, Leal e Araújo (2018), crianças e adolescentes que ganham alguma espécie de mesada preocupam-se com o modo em que gastarão essa mesada e jovens já ingressos no mercado de trabalho em como utilizarão seus salários. Diante disso, é perceptível que questões envoltas a temática financeira estão presentes desde o início da vida de qualquer indivíduo. Assim, ao ingressar no mercado de trabalho os jovens passam a torna-se cidadãos ativos para com a economia do país e, por isso, torna-se essencial que as decisões financeiras que estes venham a tomar sejam o mais benéficas possíveis, visto que a qualidade das decisões financeiras individuais influenciará o agregado econômico do país (BCB, 2013; CNDL, 2019).

Pesquisas apontam que apenas 52% dos jovens brasileiros, ou seja, aproximadamente apenas metade desse público, possui alguma espécie de reserva financeira (CNDL, 2019). Se comparado com o mesmo índice apresentado pela população brasileira em geral, conforme mencionado no tópico anterior, nota-se que os percentuais se igualam confirmando assim o atual cenário da educação financeira no país. Outro dado que se assemelha quando comparado os resultados entre a população geral e os jovens trata-se do controle sobre as próprias finanças. Entre a população geral, 52% realizam o controle sobre o orçamento pessoal enquanto entre os jovens esse percentual atinge 53% (CNDL, 2019; SPC, 2020). Todavia, um aspecto relevante apresentado pela juventude e discrepante da população geral consiste na propensão ao autoaprendizado através, principalmente, do uso de ferramentas online (CNDL, 2019). Ainda conforme expõe a CNDL (2019), pode-se vincular essa propensão ao fato de que os jovens cresceram em um contexto em que o país enfrentou períodos de recessão econômica e, em virtude disso, muitos acabam por adotar uma atitude mais realista e entendem como algo natural a busca por independência financeira, assim como ajudar a família com as despesas da casa (alimentação, contas, etc.) desde cedo.

Outro fator relevante quanto à relação da educação financeira e a juventude trata-se do status social e do consumo impulsivo. Nos dias atuais, é comum que muitos considerem de grande relevância a questão do status social e acabem agindo como consumidores impulsivos buscando satisfazer seus desejos de forma imediata e acabando, por vezes, até mesmo endividando-se (LIZOTE et al., 2016; PELICIONI, 2011). Entende-se por status social a posição que determinado indivíduo ou grupo de indivíduos possui na sociedade em que está inserido sendo que quanto maior for sua posição maior será o seu status social e, conseqüentemente, seu prestígio perante a sociedade (SANTANA, 2021). Já consumo impulsivo entende-se como hábitos relacionados ao consumo precipitado, bem como gastos motivados pelo fator status social (CNDL, 2019). Tendo isso em vista, muitos jovens acabam fugindo de sua realidade financeira ao ceder, eventualmente, aos impulsos e extrapolando suas despesas ao contrair dívidas que ultrapassam e comprometem suas finanças podendo, em casos mais graves, ocasionar em um endividamento expressivo e difícil de liquidar tornando-se, enfim, indivíduos inadimplentes e prejudicando a própria saúde financeira (CNDL, 2019; LIZOTE et al., 2016).

De acordo com uma pesquisa realizada em 2019 com jovens brasileiros de todo o país e pertencentes a todas as classes econômicas e escolaridades, a maioria dos jovens, cerca de 54,5%, considera que os bens materiais que possuem expressam, de algum modo, o seu estilo pessoal e refletem em como eles são, ou seja, mostram aos outros a sua personalidade e valores pessoais ao passo que 47% admitem que às vezes perdem a noção de quanto realmente podem gastar com atividades de lazer (CNDL, 2019). Ainda conforme a mesma pesquisa, embora 82,8% dos jovens afirmem que, na maioria das vezes, pesquisam os preços de todos os produtos e serviços que consomem, mais da metade (cerca de 56%) admitem que quando desejam muito adquirir algum produto ou serviço acabam cedendo aos impulsos e efetuam a aquisição do bem/serviço e ainda 34,4% do mesmo público afirmam gostar de ter os mesmos bens que a maioria de seus amigos possui (CNDL, 2019).

Hábitos como estes são preocupantes, visto que as ações que esses jovens tomam durante sua juventude, possivelmente, refletirá em suas vidas futuras ainda mais devido a situação crítica a qual o país vem enfrentando atualmente (CNDL, 2019). Por isso, faz-se necessário atentar para um consumo mais consciente através do controle do imediatismo e dos impulsos a fim de evitar conseqüências

prejudiciais a própria saúde financeira e, conseqüentemente, qualidade de vida (CNDL, 2019). Corroborando com a ideia, Silva, Leal e Araújo (2018) comentam que a educação financeira é primordial no cotidiano dos jovens para que estes possam realizar um planejamento visando um consumo mais consciente.

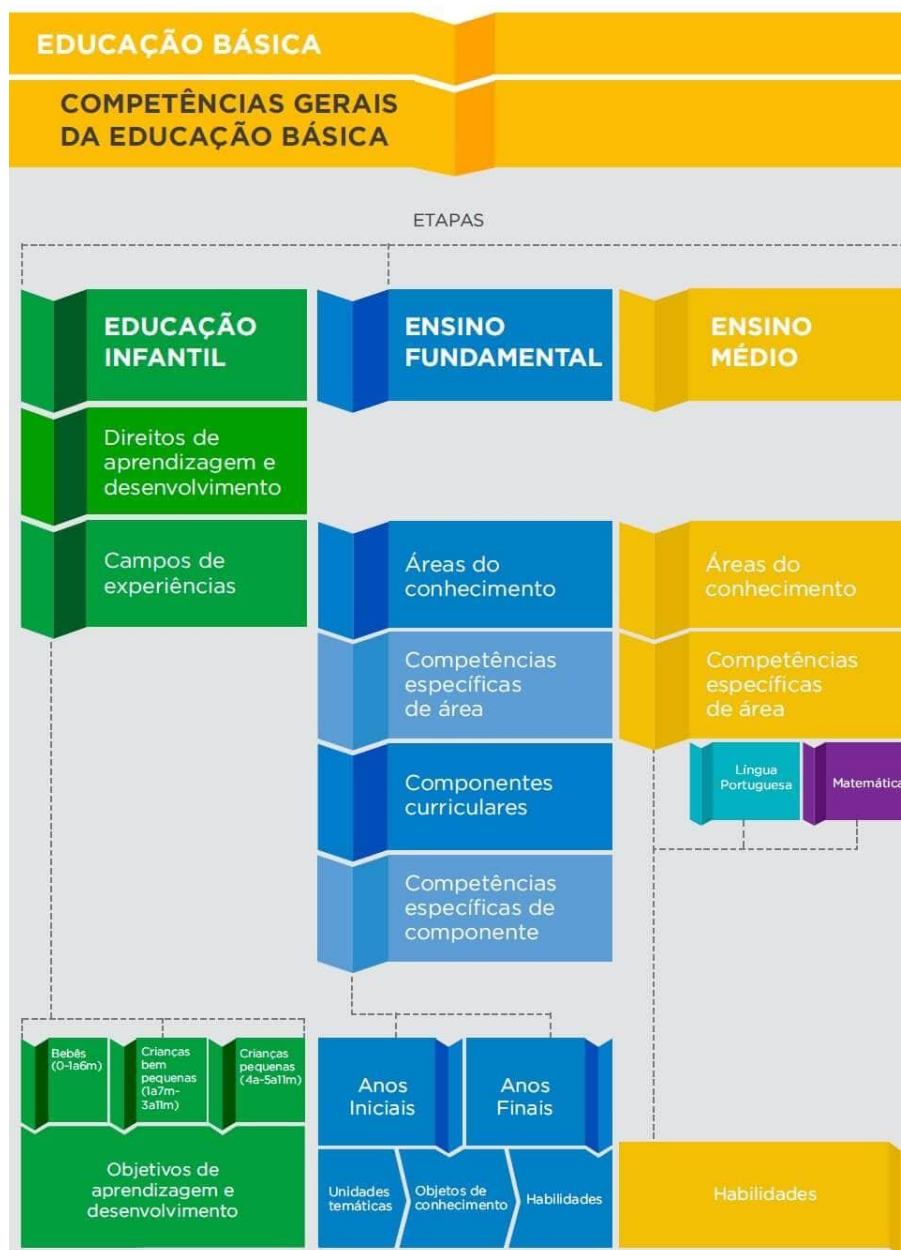
Diversos autores como Lizote et al. (2016), Olivieri (2013), Pelicioli (2011), Silva, Leal e Araújo (2018) e a própria OCDE (2005) ressaltam a importância de trabalhar a educação financeira de forma precoce com os jovens e, se possível, já desde a infância para tornar o tema mais próximo dos mesmos e, por consequência, fazer com que o assunto esteja presente no cotidiano destes desde cedo. Neste contexto, as escolas acabam desempenhando um papel fundamental nesta relação. Sendo assim, o próximo subcapítulo entra no debate sobre a educação financeira no contexto escolar do país de acordo com a educação básica prevista atualmente conforme a estrutura da BNCC.

2.2 Educação financeira nas escolas brasileiras

Aprovada em 2017 para o ensino infantil e fundamental e no ano seguinte para o ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata-se de um documento que orienta as escolas públicas e privadas do Brasil quanto ao mínimo a ser ensinado aos alunos no decorrer de todo o processo de ensino da educação básica destes, mas não define o método de ensino a ser adotado (BOND, 2019; BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Ou seja, a BNCC estabelece parâmetros com os conteúdos essenciais a serem aprendidos pelos alunos, mas são as escolas que realizam a elaboração dos currículos que serão adotados em sala de aula, seguindo as orientações da BNCC, e estabelecem a forma de disseminar esses conteúdos aos seus alunos (BRASIL, 2021; OBSERVATÓRIO, 2020; TOKARNIA, 2019).

Sendo dividida em três etapas, a BNCC foi estruturada com o objetivo de especificar as competências que os alunos devem adquirir ao longo do processo de ensino em cada nível de escolaridade (BRASIL, 2021). A figura 1 apresenta a atual estrutura geral da BNCC para as respectivas etapas da educação básica a serem seguidas ao longo do processo de ensino - educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Figura 1 – Estrutura geral da BNCC



Fonte: BRASIL, 2021.

Na educação infantil, tem-se duas competências centrais a serem trabalhadas e desenvolvidas pelas crianças que compõe essa primeira etapa da educação básica: direitos de aprendizagem e desenvolvimento e campos de experiência (BRASIL, 2021). Atuando de forma complementar ao aprendizado adquirido em ambiente familiar, essa etapa tem como objetivo ampliar a percepção das crianças quanto às experiências, conhecimentos e habilidades a fim de auxiliar essas crianças a desempenhar um papel ativo e construir significados sobre si mesmo e o meio em que vivem (BRASIL, 2021).

Já a segunda etapa da educação básica, ensino fundamental, contempla indivíduos entre 6 e 14 anos, ou seja, crianças e adolescentes. Essa etapa é composta por cinco áreas de conhecimentos sendo estas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso (BRASIL, 2021). Trata-se da etapa mais longa da educação básica tendo duração de nove anos e, em função disso, é dividida em duas fases:

- Anos Iniciais: busca-se consolidar os aprendizados anteriores obtidos na educação infantil e ampliar as práticas de linguagem, experiências estéticas, interculturais, autonomia intelectual, interesse pela vida social e entendimento de regras e normas.
- Anos Finais: objetiva ressignificar o aprendizado dos anos iniciais do ensino fundamental, estimular a autonomia - uma vez que é nessa etapa que ocorre a transição da infância para a adolescência - ampliar a capacidade de raciocínio e vínculos sociais.

Por fim, no nível de ensino médio – última etapa da educação básica e foco deste trabalho –, busca-se dar sequência ao proposto na educação básica e ensino fundamental. Assim, sendo composta por quatro áreas de conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), essa última etapa da educação básica busca proporcionar aos alunos a consolidação e o aprofundamento de todos os conhecimentos adquiridos ao decorrer do processo de ensino, compreensão de conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como fornecer uma preparação básica para o mercado de trabalho e aperfeiçoamento como cidadão para que o aluno possa exercer sua cidadania (BRASIL, 2021). É válido mencionar que essa preparação para o mercado de trabalho não se trata de uma profissionalização propriamente dita, mas sim de uma orientação através de suportes para o reconhecimento da vocação e potencialidades desses jovens.

Em dezembro de 2018, foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) a nova BNCC para o ensino médio. Uma das medidas aprovadas consiste na formação curricular em uma parte comum entre todos os estudantes e outra parte voltada a um itinerário formativo onde o aluno tem a liberdade de escolha de direcionamento entre as quatro áreas de conhecimento ou ensino técnico conforme sua preferência (TOKARNIA, 2018). A figura 2 apresenta essa atual estrutura da BNCC.

Figura 2 – Estrutura da BNCC do ensino médio



Fonte: BRASIL, 2021.

Tendo em vista essa atual estrutura da BNCC, encontra-se a educação financeira prevista na BNCC como uma das competências a serem adquiridas pelos alunos em uma das quatro áreas de conhecimento sendo esta Matemática e suas Tecnologias, porém orienta-se também abordar a temática em outras áreas de conhecimento (BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Conforme indicação presente na BNCC, a educação financeira deve ser abordada em ambiente escolar desde os anos iniciais até a última etapa do ensino.

Com essa atual estrutura da BNCC a temática financeira passou a ter mais espaço e enfoque ao passar pela transformação de abordar unicamente a matemática financeira e o cálculo puro para abordar um contexto mais amplo, onde há uma preocupação quanto à formação dos jovens em torná-los cidadãos capazes de tomar decisões de natureza financeira mais benéficas. Para tal, a BNCC sugere utilizar questões presentes no cotidiano dos adolescentes como cenário para a aprendizagem, com isso, as dimensões acabam ganhando mais ênfase do que os cálculos unicamente. Ou seja, de acordo com a orientação presente na BNCC, a educação financeira deve ser tratada de forma transversal pelas escolas fazendo-se presente em diversas aulas e projetos (BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Corroborando com essa ideia Hartmann, Mariani e Maltempo (2021) também

defendem a abordagem de atividades didáticas acerca da educação financeira de forma a inserir os alunos em uma realidade que faça parte de seu próprio cotidiano a fim de estimular a percepção da importância de conhecimentos acerca do assunto como meio de fundamentar melhor escolhas econômico-financeiras.

Porém, embora ocupe cada vez mais uma posição de relativa importância, a educação financeira ainda enfrenta alguns desafios no contexto escolar. Dessa forma, a seguir são explorados alguns dos principais desafios da educação financeira em ambiente escolar.

2.2.1 Desafios da educação financeira nas escolas brasileiras

São muitos os desafios enfrentados pela educação financeira nas escolas brasileiras. Esses desafios podem ser desde assegurar que os estudantes alcancem o nível de aprendizado esperado em cada etapa de ensino até mesmo a formação e capacitação dos educadores quanto à temática financeira, garantia de tempo para que os professores possam preparar adequadamente as aulas sobre o tema e oferta de material didático adequado aos alunos e professores. (BCB, 2018; TOKARNIA, 2019). Para o BCB (2018), para tornar a educação financeira de fato uma realidade nas salas de aula é preciso incentivar os professores quanto à importância do tema e fornecer a formação e os materiais adequados para tal. Ainda de acordo com o BCB (2018), o tempo é um recurso finito e, portanto, é preciso que os materiais pedagógicos sejam aptos para uso imediato nas salas de aula a fim de reduzir ao máximo o tempo exigido do professor na preparação das aulas e tornar o tempo disponível dos educadores compatível com a formação em educação financeira.

Outro desafio de grande relevância da educação financeira nas escolas brasileiras trata-se da escalabilidade. Sendo o Brasil um país com dimensões continentais e apresentar em cada região culturas e realidades muito distintas, seja entre estados ou mesmo municípios, é importante que haja uma flexibilização quanto à implementação de questões financeiras em cada região buscando adaptar o modo de ensino a cada realidade regional presente no país – cultural, socioeconômica e educacional (BCB, 2018). Fazer uso de tecnologias digitais e permitir que professores e educadores financeiros atuem de forma conjunta na formação e criação de materiais pedagógicos são duas maneiras que,

possivelmente, poderiam reduzir esses entraves e promover ainda mais a educação financeira nas escolas do Brasil (BCB, 2018).

Em síntese a figura 3 expõe os principais desafios enfrentados nas escolas brasileiras mencionados anteriormente.

Figura 3 – Principais desafios da educação financeira nas escolas



Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, por vezes, como menciona Silva et al. (2017), o conhecimento financeiro proveniente das escolas é insuficiente tornando necessário que os estudantes tenham que buscar um melhor aperfeiçoamento deste conhecimento futuramente. Em função disso, muitos jovens acabam adquirindo conhecimentos financeiros com seus familiares durante a prática do cotidiano, mas não aprofundam verdadeiramente esses conhecimentos, pois não é muito comum um diálogo mais minucioso sobre este assunto no ambiente familiar (SILVA et al., 2017). Uma pesquisa realizada pelo CNDL, SPC e Sebrae (2019) confirma essa situação mencionada ao constatar que, dos jovens que realizam algum tipo de controle sobre suas finanças (seja em caderno, planilhas eletrônicas, aplicativos, etc.), aproximadamente 39,7% alegam ter aprendido esse processo de controle sobre as

próprias finanças através da internet, 27,4% atribuem o conhecimento à família, 15,1% ao companheiro(a) e 12,2% alegam ter realizado algum curso.

Com isso, é perceptível que normalmente a educação financeira não é efetivamente ensinada nas escolas levando os indivíduos a basicamente dois caminhos: (1) buscar outros meios para adquirir conhecimentos de natureza financeira e, assim, iniciar um controle sobre seus recursos tardiamente ou (2) não realizar nenhuma espécie de controle e planejamento financeiro ao longo de toda sua vida. Fato esse que pode ser perigoso e ocasionar em uma série de consequências negativas aos jovens durante sua fase adulta.

Sendo assim, o próximo subcapítulo debate sobre a importância da educação financeira, bem como das finanças pessoais na vida das pessoas.

2.3 Educação financeira e finanças pessoais: sua importância

Como já exposto no decorrer deste trabalho, a educação financeira pode proporcionar diversos benefícios aos indivíduos, seus meios familiares e profissionais além da comunidade em que vivem, sendo alguns desses benefícios:

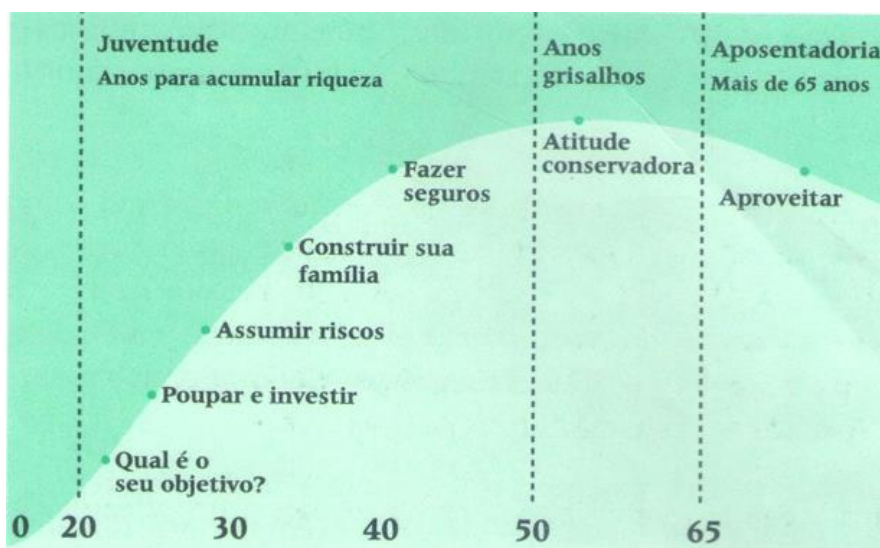
- Registro e controle sobre os próprios recursos financeiros;
- Melhor capacidade de planejamento quanto ao uso das próprias finanças a curto, médio e longo prazo;
- Tomada de decisão financeira com maior fundamentação;
- Consumo mais consciente;
- Maior qualidade de vida.

Diante do evidenciado, é notória a importância de conhecimentos acerca do assunto para todo e qualquer indivíduo. Sendo assim, é importante que esses conhecimentos sejam transmitidos às pessoas o mais cedo possível visando gerar maiores oportunidades aos indivíduos através do uso desses conhecimentos no dia a dia e durante o decorrer de toda a vida destes (LIZOTE et al., 2016; SILVA; LEAL; ARAÚJO, 2018).

Uma vez que o indivíduo se encontra em constante mudança devido à uma série de fatores como as experiências adquiridas ao longo da vida, por exemplo, é evidente que seus objetivos e necessidades financeiras mudem também com o decorrer dos anos, dessa forma, pode-se dizer que a vida financeira de um indivíduo é composta por ciclos (SOARES, 2015). A figura 4 exhibe o modo como esses ciclos

estariam divididos, de acordo com Halfeld (2001), na perspectiva financeira de cada indivíduo considerando três fases: juventude, anos grisalhos e aposentadoria.

Figura 4 – Ciclo de Vida Financeira



Fonte: Halfeld (2001, p. 9) baseado em MODIGLIANI, Life Cycle, Individual Thrift, and the Wealth of Nations. *The American Economic Review*, n. 76, p. 297-313, 1986.

De acordo com o autor, a primeira fase é composta por pessoas com faixa etária entre 20 e 49 anos. Essa fase consiste no momento de trabalhar mais arduamente a fim de acumular riqueza. Trata-se do momento mais indicado para correr eventuais riscos de natureza financeira, uma vez que as possibilidades de recuperação de eventuais perdas são maiores devido à baixa idade do indivíduo. Já a segunda fase é composta por indivíduos de 50 a 65 anos. Nesta fase espera-se que haja uma atitude mais conservadora em relação aos próprios recursos a fim de evitar eventuais perdas financeiras que possam atingir de alguma forma a estabilidade financeira da pessoa. Por fim, o último ciclo consiste em pessoas com mais de 65 anos onde, após acumular riqueza e rentabilizar os seus recursos, o indivíduo passaria a preservar seus recursos financeiros a fim de usufruí-los.

Todavia, conforme menciona Silva (2021) muitos indivíduos acabam não tendo a oportunidade de adquirir conhecimentos envolvidos à educação financeira durante a infância o que pode acabar comprometendo a vida financeira desses indivíduos ao não conseguirem planejar devidamente suas vidas financeiras logo no início do primeiro ciclo da vida financeira: a juventude. Esse fato pode provocar uma série de consequências negativas na vida adulta desses indivíduos que não entram

em contato com aspectos da educação financeira ou entram em contato de forma tardia. Segundo Silva (2021), a falta de controle financeiro (que poderia ser minimizado por meio da educação financeira) é um dos fatores que contribui para a inadimplência. De acordo com a mesma autora, ao não ter o hábito de controlar devidamente e poupar seus próprios recursos financeiros as pessoas acabam contraindo dívidas com elevadas taxas de juros que ocasionam no endividamento (SILVA, 2021). Dias e Santos (2020, p. 6), corroboram com a ideia ao indicarem que “O hábito de registrar e mapear os gastos para identificar quais são os equívocos e desperdícios é bastante incomum, o que dificulta o indivíduo a estruturar as finanças e a estabelecer condutas diferentes com o próprio dinheiro.”.

Silva (2021) comenta que o objetivo da educação financeira é auxiliar os indivíduos a lidar com seu dinheiro de forma mais sóbria e ressalta a importância da educação financeira para a criação de um melhor planejamento sobre as próprias finanças. Assim, adotar costumes financeiramente mais saudáveis e conscientes permite que decisões financeiras sejam realizadas com maior segurança e consciência proporcionando uma vida financeiramente mais estável e, por consequência, uma melhor qualidade de vida não apenas para si próprio, mas também para seu ambiente familiar e a comunidade em que vive (BCB, 2013).

Tendo ciência da importância da educação financeira e os impactos que ela pode proporcionar a um indivíduo e a sociedade como um todo são relevantes estudos sobre o assunto para melhor conhecimento sobre a temática. Dessa forma, visando fundamentar melhor o assunto abordado neste trabalho e ampliar as diversas perspectivas sobre o mesmo, o próximo subcapítulo apresenta alguns estudos empíricos sobre o tema.

2.4 Estudos empíricos

Há cada vez mais estudos acerca da temática da educação financeira devido a sua grande relevância conforme já exposto no decorrer deste trabalho. Diante disso, são apresentados no quadro 2 sete artigos e pesquisas relacionadas ao tema deste estudo. Destaca-se que os respectivos artigos foram selecionados através de pesquisas bibliográficas e buscou-se abordar diferentes perspectivas com o objetivo de tornar o debate sobre o assunto mais enriquecedor.

Quadro 2 – Estudos empíricos

Autor	Objetivo	Principais Conclusões
Dias e Santos (2020)	Expressar a importância da inclusão da educação financeira no currículo das escolas e universidades do país para que os indivíduos possam desenvolver senso crítico e analítico sobre suas próprias finanças.	Ao implementar a educação financeira na grade curricular das escolas e universidades é gerado o incentivo da capacidade de planejamento e organização das finanças pessoais. Porém, o estudo conclui que falta planejamento e conhecimentos para executar um orçamento familiar não apenas a curto prazo como também a médio e longo prazo.
Ferreira (2021)	Propor a utilização de planilhas eletrônicas durante o ensino médio para a aprendizagem de conceitos relacionados à matemática financeira.	Vincular conceitos relacionados à matemática financeira com ferramentas tecnológicas (como planilhas eletrônicas) proporciona um maior entendimento sobre o tema, facilidade em realizar análises, bem como os cálculos propriamente. Além de tornar o assunto mais atrativo aos alunos.
Grüssner (2007)	Apresentar e analisar instrumentos e informações do tocante a gestão das finanças pessoais para a criação de patrimônio.	As ferramentas que auxiliam na gestão das próprias finanças podem ser utilizadas por todos de acordo com a realidade de cada indivíduo. Conquistar a estabilidade financeira e alcançar a criação de patrimônio está atrelada à gestão adequada dos próprios recursos. Adotar hábitos saudáveis financeiramente pode proporcionar resultados reais e positivos.
Lucci et al. (2006)	Compreender se o domínio de conhecimentos sobre conceitos financeiros influencia na qualidade das decisões financeiras dos indivíduos.	O nível de conhecimento de conceitos financeiros exerce influência na qualidade das decisões financeiras dos indivíduos sendo esse fato independente da qualidade do ensino adquirido.
Mendes (2015)	Verificar os benefícios que o planejamento financeiro pessoal pode proporcionar ao indivíduo como cidadão e perante seu meio familiar.	O planejamento financeiro pessoal está diretamente relacionado à saúde financeira e qualidade de vida das pessoas. Com isso, o planejamento financeiro pode contribuir diretamente para uma melhor qualidade de vida dos indivíduos.
Pelicioli (2011)	Justificar como a matemática pode contribuir para a maior inclusão da educação financeira no ensino médio.	A matemática é de suma importância ao longo do processo educacional sendo necessário relacioná-la com o cotidiano dos alunos dando maior ênfase em questões acerca da educação financeira com uma linguagem familiar aos jovens e de forma interdisciplinar nas escolas a

		fim de torná-los cidadãos ativos para com a sociedade.
Radaelli (2018)	Identificar como os alunos do curso de Ciências Contábeis do ensino superior organizam suas finanças pessoais.	Grande parte dos estudantes realiza de forma efetiva a organização e o controle sobre suas próprias finanças. Para organizar suas finanças, a maioria dos alunos faz uso de planilhas eletrônicas, papel e aplicativo de celular, respectivamente. Muitos estudantes demonstram preocupação com o seu próprio futuro financeiro e possuem um bom nível de conhecimento financeiro para administrar as próprias finanças, porém muito pouco deste conhecimento foi advindo das instituições de ensino.

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro estudo empírico, Dias e Santos (2020) debatem sobre a relevância de inserir a educação financeira na grade curricular de escolas e universidades do país como forma de possibilitar aos indivíduos maior capacidade e senso crítico e analítico sobre as receitas e despesas pessoais e das famílias. No presente estudo os autores mencionam a importância do orçamento familiar e como este pode auxiliar no alcance de objetivos comuns entre os membros da família e consequentemente aos objetivos do próprio indivíduo. Para maior fundamentação, são abordados ainda alguns conceitos teóricos sobre operações de crédito (cheque especial, crédito consignado, etc.) e produtos de investimentos (poupança e ações) a fim de exemplificar melhor as opções que podem ser escolhidas pelos indivíduos e embasar ainda mais o estudo realizado. Para análise da questão proposta no estudo, além de pesquisas bibliográficas, Dias e Santos (2020) realizam uma pesquisa exploratória com alunos do ensino fundamental, médio e superior através de um formulário digital. É válido ressaltar que o estudo menciona apenas o total da amostra realizada com alunos do ensino superior (401 estudantes), porém não indica a quantidade da amostra do ensino fundamental e médio, deixando essa questão um pouco vaga no estudo.

A partir das respostas obtidas o estudo identifica que há uma grande aceitação em aprender conceitos envolvidos à temática financeira o que, segundo os autores, corrobora com a importância de implementar o tema no ambiente educacional a fim de propagar o conhecimento aos alunos. Todavia, o estudo também identifica que grande parte dos entrevistados (do ensino fundamental,

médio e superior) destinam seus recursos financeiros às atividades de lazer e diversão mostrando não existir tanta preocupação com uma visão a médio e longo prazo. Por fim, outro fator importante localizado pelo estudo trata-se da influência da família para com os indivíduos. Segundo a pesquisa, cerca de 82% dos respondentes alegaram que os pais não são financeiramente organizados o que para os autores indica que o perfil de inadimplência está relacionado ao histórico familiar e explica a relevância da educação financeira a longo prazo no contexto familiar. Diante disso, Dias e Santos (2020) concluem que existe interesse por parte dos indivíduos sobre questões envoltas à temática financeira como a elaboração de um controle financeiro e tipos de investimentos que possam gerar maiores rentabilidades, por exemplo. Assim, os autores afirmam que implementar a educação financeira nas escolas e universidades do país poderá incentivar as pessoas, bem como suas famílias a organizar e planejar melhor suas finanças visando atingir seus objetivos e evitar situações negativas como a inadimplência e o endividamento.

O segundo estudo selecionado trata-se de uma proposta de utilização de planilhas eletrônicas como ferramenta tecnológica durante o processo de aprendizagem de conceitos envoltos à matemática financeira no ensino médio. Através de pesquisas bibliográficas, Ferreira (2021) expõe a importância da capacitação contínua dos educadores, o uso da tecnologia no contexto da aprendizagem, a autonomia dos alunos durante o processo de ensino e o uso de planilhas eletrônicas durante o ensino da matemática financeira em sala de aula. Para demonstrar como as planilhas eletrônicas poderiam ser utilizadas durante o processo de ensino da matemática financeira a autora realiza diversas exemplificações (fazendo uso de planilhas do Excel) de conceitos básicos da temática como porcentagem, juros, fórmulas que contemplam o valor do dinheiro no tempo e fluxos de caixa conforme faz a apresentação estes mesmos conceitos. Um fator relevante consiste no fato de que a autora convida o leitor a praticar as exemplificações presentes no estudo de forma simultânea a leitura como meio de experimentar de forma prática as questões abordadas pelo estudo. São abordadas questões financeiras presentes nos últimos anos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como meio de explicitar que o assunto é comumente presente em provas de seleção e que podem ser resolvidos também através do uso de planilhas eletrônicas e, assim, auxiliar no processo de compreensão de conceitos financeiros

no decorrer da aprendizagem dos alunos. São explorados ainda simuladores e a planilha OpenOffice como ferramentas alternativas à planilha Excel a fim de ampliar a gama de ferramentas tecnológicas que podem ser utilizadas pelas escolas.

Embora a pesquisa não tenha sido aplicada de forma prática devido a pandemia da covid-19, Ferreira (2021) afirma que fazer o uso de planilhas eletrônicas durante a aprendizagem de conceitos financeiros auxilia na realização de cálculos e análises contribuindo, conseqüentemente, para uma melhor tomada de decisão e destaca ainda a relevância da matemática financeira em contexto escolar como forma de contribuir no processo de formação dos jovens em cidadãos mais conscientes. A autora ressalta também o papel do professor durante o processo de ensino de conceitos acerca da temática financeira vinculada ao uso de ferramentas tecnológicas sinalizando a importância da capacitação contínua dos educadores. Por fim, Ferreira (2021) conclui que o entendimento das planilhas eletrônicas em contexto escolar favorece tanto os educadores (possibilitando o uso de uma nova ferramenta pedagógica aprimorando o processo de ensino nas salas de aula) quanto os educados (gerando maior engajamento em aprender mais sobre o tema).

Grüssner (2007), por sua vez, realiza um estudo minucioso para apresentar e analisar ferramentas que possam auxiliar na gestão financeira pessoal de cada indivíduo para que este possa criar um patrimônio. Para isso, a autora realiza uma detalhada pesquisa bibliográfica explorando questões como a elaboração do planejamento e demonstrativo financeiro pessoal, bem como as variáveis envolvidas às decisões de âmbito financeiro e principais opções existentes no mercado financeiro que cada pessoa pode escolher. Além disso, a autora realiza simulações de investimentos visando demonstrar os resultados que podem ser obtidos a médio e longo prazo e apresenta opções de softwares que podem ser utilizados como ferramenta na administração das finanças pessoais. Com isso, Grüssner (2007) exemplifica no decorrer de seu estudo meios e alternativas de realizar a organização, o planejamento e o controle sobre as próprias finanças afirmando que qualquer pessoa pode vir a poupar e rentabilizar o próprio dinheiro a longo prazo ao tomar decisões mais assertivas de investimentos que melhor atendam as suas exigências e necessidades e, por conseqüência, contribuindo para a criação de patrimônio.

Em seu estudo a autora entende que a gestão financeira pessoal pode ser feita por qualquer indivíduo. Segundo Grüssner (2007), cada controle financeiro

deve ser adaptado a realidade de cada indivíduo para que ele atenda às necessidades de cada um. É destacado como essencial o pensamento a longo prazo realizando o constante controle sobre as próprias receitas e despesas em paralelo a análise das melhores opções de investimentos sendo esta escolha de investimento definida conforme o perfil de investidor de cada pessoa a fim de não comprometer a saúde financeira da pessoa e atender suas metas individuais de forma satisfatória. O sucesso na criação de patrimônio e a estabilidade financeira, segundo a autora, estão atrelados a gestão financeira pessoal. Em função disso, Grüssner (2007) afirma que, através da educação financeira, grande parte dos problemas de natureza financeira poderiam ser minimizados ou mesmo evitados e sugere que todas as pessoas ao menos experimentem o hábito de gerir as próprias finanças a fim de vivenciar na prática os benefícios que tal hábito pode proporcionar como evitar dívidas, rentabilizar o próprio dinheiro a longo prazo e, com isso, alcançar uma maior qualidade de vida além de aumentar a possibilidade de conquistar projetos e sonhos pessoais.

Já a quarta pesquisa objetiva verificar a relação entre a qualidade das decisões financeiras tomadas pelos indivíduos e o nível de conhecimento de conceitos financeiros destes. Lucci et al. (2006), realiza a pesquisa com uma amostra total de 122 alunos de graduação dos cursos de Administração e Ciências Contábeis sendo que para participar do estudo foi requerido alguns conhecimentos como de conceitos de custo de oportunidade e risco, valor do dinheiro no tempo e fluxo de caixa. No estudo é sinalizado a educação financeira como meio de auxiliar na conscientização da população quanto à percepção de todos os fatores e variáveis envolvidas a uma decisão financeira (LUCCI et al. 2006). Assim, por meio da aplicação de um questionário com 23 perguntas buscou-se observar as decisões de consumo e poupança dos indivíduos sob a perspectiva de duas variáveis: (1) nível de conhecimento sobre educação financeira e (2) atitude das pessoas em relação às suas decisões financeiras.

Quanto a primeira variável pesquisada o estudo identificou que o nível de compreensão de conceitos no tocante a finanças corresponde ao nível de educação financeira, visto que o grau de acerto das questões propostas no questionário apresentou aumento conforme maior o número de disciplinas relacionadas ao tema o aluno cursou (LUCCI et al., 2006). Já quando analisado a segunda variável, o estudo identificou alguns fatores relevantes, dentre estes: (a) há correlação entre

rolagem de dívidas de cartão de crédito e domínio de conceitos financeiros indicando que existe a tendência de evitar entrar no crédito rotativo ao efetuar o pagamento total do saldo devedor do cartão de crédito; (b) não há correlação entre o perfil de risco e os conhecimentos financeiros dos indivíduos, ou seja, o grau de domínio de conceitos financeiros não indica nenhuma tendência quanto ao aumento de apetite por riscos das pessoas; (c) o fato de ter domínio de aspectos financeiros não necessariamente leva os indivíduos a iniciar uma poupança para a aposentadoria (embora esse conhecimento faça diferença quanto a essa percepção relacionada a aposentadoria) e ou a uma melhor atitude quanto ao custo de efetuar compras através de financiamento (embora haja uma conscientização sobre a importância de tal atitude). Diante desses resultados obtidos, Lucci et al. (2006) afirma que de fato conhecimentos financeiros contribuem positivamente para tomadas de decisão financeiras mais qualificadas – independentemente da qualidade do ensino adquirido.

O quinto estudo selecionado aborda a relação do planejamento financeiro com a qualidade de vida dos indivíduos. Mendes (2015), por meio de levantamentos bibliográficos, realiza em seu estudo a análise dos impactos que o planejamento financeiro pessoal pode provocar na vida de um indivíduo e, por consequência, de seu meio familiar. Em sua pesquisa, Mendes (2015) identifica que grande parcela das pessoas acaba consumindo impulsivamente por fatores externos ou mesmo por abuso de compras parceladas e, com isso, entrando em situações financeiras complicadas como endividamento e inadimplência. Destacando que o planejamento financeiro é mutável e constante, ou seja, varia conforme a necessidade de cada indivíduo e deve ser revisado periodicamente, a autora reforça a importância de não apenas elaborar o planejamento financeiro pessoal, mas também acompanhar o desenvolvimento do mesmo a fim de averiguar o andamento das metas e seu próprio desempenho e ainda verificar possíveis melhorias e ajustes conforme novas necessidades vão surgindo (MENDES, 2015).

Mendes (2015) traz como principal conclusão o fato de que o planejamento financeiro pessoal pode sim gerar impactos no bem-estar das pessoas, uma vez que este está diretamente relacionado a qualidade de vida dos indivíduos. Assim, elaborar um planejamento financeiro pessoal permite uma visão mais ampla quanto ao curto, médio e longo prazo através da identificação e controle de gastos desnecessários ou excessivos e verificar quanto de dinheiro sobra para poder

investir e rentabilizar ao máximo os próprios recursos financeiros para que haja maior respaldo em caso de eventuais imprevistos, bem como melhor preparo para a própria aposentadoria. Para isso, é necessário que haja uma relação saudável com as próprias finanças realizando uma série de ações como organização e elaboração do orçamento pessoal, poupar e criar uma reserva para emergências, investir corretamente e planejar-se adequadamente (MENDES, 2015).

Por sua vez, Pelicioli (2011) desenvolve seu estudo visando justificar as maneiras que a disciplina de matemática pode contribuir para uma maior inclusão da educação financeira durante o ensino médio. Para isso, o autor destaca em sua fundamentação teórica a relação entre a matemática, a cidadania e a democracia. Além de aspectos relacionados a economia, a educação financeira e a sociedade do consumo onde é possível perceber que o autor vai de encontro com algumas questões levantadas por Mendes (2015) corroborando com alguns aspectos como ao afirmar que os indivíduos que possuem um planejamento a longo prazo possivelmente conquistarão maior segurança, tranquilidade e saúde financeira e, conseqüentemente, conquistarão uma melhor qualidade de vida a longo prazo. O estudo comenta também que, embora a temática financeira ainda seja carente nos livros de matemática do ensino médio, já existem algumas ações que buscam dar mais enfoque ao tema no contexto escolar no Brasil, bem como em outros países.

Para realizar sua análise Pelicioli (2011) entrevistou seis estudantes do ensino médio e três profissionais atuantes na área financeira e como principais resultados o estudo apresenta que: (a) a matemática está diretamente relacionada a educação financeira e ao dinheiro; (b) o conhecimento acerca da temática financeira é pouco ensinado pelas escolas deixando lacunas na aprendizagem dos alunos e tornando necessário que esse conhecimento venha a ser adquirido em meio familiar; (c) embora haja a percepção da relação entre a matemática e o dinheiro, o estudo identificou que a matemática que vem sendo ensinada em sala de aula não condiz com o cotidiano dos alunos, ou seja, não é de fato aplicada na vida dos estudantes; (d) os alunos apresentaram um conhecimento mais rudimentar em relação aos profissionais atuantes na área financeira; (e) não há uma preocupação com o futuro não existindo assim, por parte dos alunos, um planejamento de longo prazo. O autor afirma ainda que considerar aspectos do cotidiano dos estudantes durante o processo de aprendizagem de questões relacionadas a matemática, bem como visar não apenas aspectos de âmbito profissional, mas também individual e familiar

permite despertar nos alunos um desejo maior em aprender o tema e facilita o entendimento desta matéria. Pelicioli (2011) conclui que há uma ausência de consciência financeira, bem como a falta de vínculo entre a matemática e o cotidiano dos participantes do estudo e, diante disso, se faz necessário aumentar a relação da matemática com a educação financeira tornando-a mais próxima da realidade dos alunos a fim de tornar os conceitos financeiros mais familiar aos mesmos.

Por fim, o estudo realizado por Radaelli (2018) busca identificar como os alunos do ensino superior de uma instituição localizada no Vale do Taquari – RS organizam as próprias finanças. Em seu estudo a autora realiza uma pesquisa bibliográfica acerca de assuntos como planejamento financeiro onde é exposto a sua importância tanto em contexto organizacional (planejamento financeiro corporativo, ou seja, das empresas) quanto pessoal (planejamento financeiro de cada indivíduo) e finanças pessoais onde Radaelli (2018) destaca que, embora as finanças pessoais apresentem muitas semelhanças com as finanças corporativas, existe um fator crucial que difere ambas sendo este o fator humano. Assim, a autora afirma que diferentemente das decisões financeiras tomadas pelas empresas, as finanças pessoais lidam com fatores emocionais provenientes de cada pessoa como indivíduo. Além disso, Radaelli (2018) aborda brevemente o conceito de educação financeira e alguns investimentos como caderneta de poupança, ações e tesouro direto, por exemplo, com o objetivo de ressaltar a importância de elaborar um planejamento financeiro não apenas a curto prazo, mas também a médio e longo prazo.

Para realizar seu estudo, a autora realizou sua coleta de dados através de um questionário destinado aos alunos do curso de Ciências Contábeis de uma instituição do Vale do Taquari – RS onde ao todo 104 alunos responderam efetivamente ao questionário e participaram de fato do estudo. Como principais resultados e conclusões, Radaelli (2018) identificou que grande parte da sua amostra organiza e acompanha suas próprias finanças, bem como realiza um controle sobre os seus próprios recursos indicando, portanto, possuir autonomia para tomadas de decisão eficientes. Outro ponto relevante mapeado pela pesquisa de Radaelli (2018) consiste no fato de que, dos alunos que possuem suas finanças pessoais organizadas, a maioria realiza tal organização através de planilhas eletrônicas complementando o estudo realizado por Ferreira (2021) onde é exposto os benefícios que podem ser obtidos ao utilizar ferramentas tecnológicas, como as

planilhas eletrônicas, durante o ensino de conceitos financeiros (maior compreensão e facilidade na realização dos cálculos e análises, bem como gerar maior interesse por parte dos alunos). Contudo, a autora destaca que a maioria dos estudantes afirmam ter adquirido conhecimentos de âmbito financeiro com os pais ou por conta própria o que indica que o conhecimento financeiro advindo das instituições de ensino (escolas e universidades) apresenta lacunas – fato que corrobora com as afirmações de alguns autores já mencionados no decorrer deste trabalho como Halfeld (2001), Silva et al. (2017) e Pelicioli (2011) reforçando que de fato existe uma carência de conhecimentos de natureza financeira provenientes do contexto escolar.

A partir destes estudos empíricos observados é possível notar que, embora tratem de diferentes perspectivas, existem diversas concordâncias acerca do tema entre os autores. Grüssner (2007) e Radaelli (2018) compartilham a ideia de que a estabilidade financeira pode ser alcançada por qualquer pessoa a partir do controle sobre as próprias finanças e ao tomar decisões financeiras assertivas para poupar e investir de forma mais eficaz os próprios recursos. Já Grüssner (2007), Mendes (2015) e Pelicioli (2011) afirmam que o dinheiro influencia diretamente a qualidade de vida das pessoas e, portanto, aqueles que possuem um planejamento financeiro a longo prazo, possivelmente, poderão usufruir de uma melhor qualidade de vida. Diante disso, nota-se que os estudos se complementam em diversos aspectos e contribuem para um melhor entendimento sobre a educação financeira, bem como as finanças pessoais e sua relevância.

O próximo capítulo apresenta a metodologia e os procedimentos de pesquisa que foram utilizados para o desenvolvimento deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o método de pesquisa, bem como os procedimentos que foram utilizados a fim de alcançar o objetivo deste estudo.

O capítulo inicia com o delineamento da pesquisa explicando sua classificação, bem como caráter e método utilizado. Em seguida, é exposto a unidade de caso abordada pelo estudo e posteriormente é apresentado o modo que os dados foram coletados e analisados. Por fim, são evidenciadas as limitações do método do presente estudo.

3.1 Delineamento da pesquisa

Este estudo foi classificado como uma pesquisa qualitativa, uma vez que se objetivou entender com profundidade os empecilhos enfrentados durante o processo de ensino da educação financeira a jovens estudantes do ensino médio. Conforme exposto por Nique e Ladeira (2017, p. 68) a pesquisa qualitativa busca “[...] alcançar dados de aspectos particulares da realidade humana e social, através da compreensão de experiências, valores, desejos e significações.”.

O estudo teve caráter descritivo, pois buscou descrever os principais desafios enfrentados no processo educacional sobre questões financeiras a alunos do ensino médio sob a perspectiva dos educadores. A abordagem descritiva objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno e é utilizada quando o pesquisador já possui conhecimento prévio sobre o tema estudado e deseja encontrar mais informações sobre o assunto (GIL, 2017). É válido ressaltar que embora alguns autores como Nique e Ladeira (2017), por exemplo, sugerem o uso da abordagem descritiva em pesquisas do tipo quantitativo não há impedimentos quanto à sua aplicabilidade em pesquisas qualitativas, pois também é possível descrever determinados fenômenos com amostras pequenas sendo nestes casos o único entrave a não generalização dos resultados.

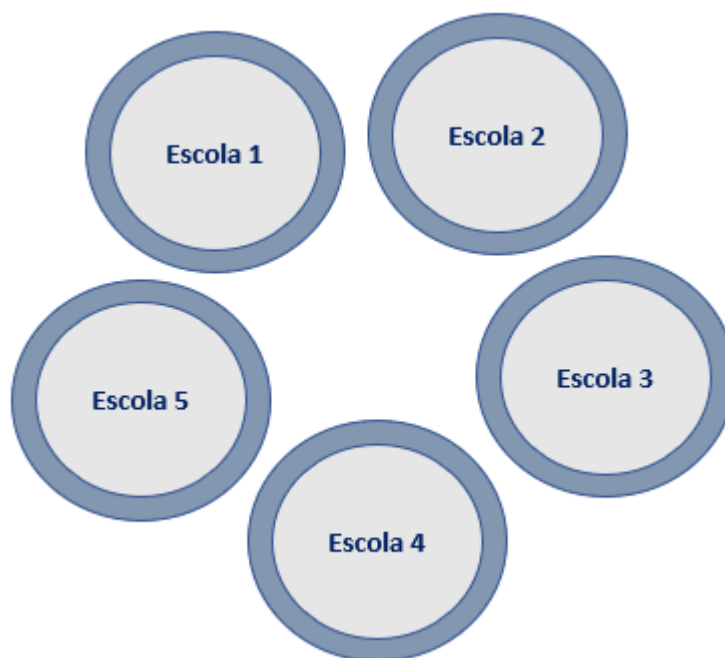
O método de pesquisa adotado foi o estudo de caso. Tal metodologia é caracterizada como um “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2017, p. 33). O estudo de caso trata-se do método de pesquisa mais adequado para realizar a análise de um determinado fenômeno dentro de seu contexto real (GIL, 2017).

Sendo assim, foi realizado um estudo de caso com algumas escolas privadas da região de Porto Alegre que aceitaram participar da pesquisa, bem como os professores aptos a participar da mesma a fim de alcançar os objetivos do estudo. Essa questão referente a unidade de caso será mais detalhada no próximo subcapítulo.

3.2 Definição da unidade de caso

As unidades de análise do estudo de caso realizado foram algumas escolas privadas localizadas na região de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. A escolha por essa região foi por conveniência devido a pesquisadora ter acesso a essa localidade com maior facilidade. Dessa forma, consistiu-se em um estudo de casos múltiplos onde 5 escolas participaram da pesquisa disponibilizando as informações necessárias para o desenvolvimento deste estudo. A figura 5 apresenta a unidade de caso abordada pelo presente estudo.

Figura 5 – Unidade de caso



Fonte: Elaborado pela autora.

Importante destacar que o perfil geral das escolas que participaram do estudo se constituiu de escolas da rede privada, pois se entendeu que os dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa poderiam ser acessados mais

facilmente através de escolas da rede privada. Além disso, não houve mais nenhuma restrição quanto ao perfil das escolas. Já quanto ao perfil geral dos professores, buscou-se que estes atuassem na área objeto de estudo desta pesquisa ou que estivessem aptos a comentar sobre o tema a fim de alcançar o objetivo do estudo.

A seguir é apresentada a técnica de coleta de dados utilizada neste estudo.

3.3 Técnica de coleta de dados

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista. A entrevista consiste em uma técnica de coleta de dados onde o entrevistado atua como fonte de informação para as respostas das questões levantadas pelo pesquisador (GIL, 2017). Dessa forma, foram realizadas entrevistas com a gestão das escolas, bem como seus professores aptos a participar da pesquisa a fim de coletar as informações e percepções necessárias para auxiliar no entendimento do problema de pesquisa. As entrevistas ocorreram de forma individual com cada participante por se entender que deste modo o estudo poderia ser melhor desenvolvido.

Inicialmente foi contatado o total de 21 escolas a fim de verificar o interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Este contato com as diretorias e secretarias das escolas foi realizado através de telefone celular e meio virtual via e-mail e teve duração de aproximadamente três meses sendo dezembro, fevereiro e março. É válido ressaltar que não houve interação no mês de janeiro devido ao recesso escolar que ocorre durante este período. Por fim, 5 escolas aceitaram o convite para participar do estudo.

Após confirmado o interesse quanto à participação na pesquisa foi realizado o agendamento das entrevistas com o responsável por representar a gestão da escola (em grande parte a coordenação pedagógica do ensino médio), bem como alguns professores para a continuidade do estudo. Cada escola disponibilizou ao menos 2 participantes, sendo que em alguns casos houve a disponibilidade e autorização da participação de mais profissionais. É importante destacar que, devido ao complexo cronograma existente nas escolas, as entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade dos participantes objetivando não causar eventuais transtornos no cronograma das escolas. Sendo assim, as entrevistas foram realizadas em dois formatos: presencial e virtual. No primeiro formato, a pesquisadora se deslocou até a

instituição de ensino para realizar as entrevistas e no segundo a interação se deu por videoconferência via plataformas Meet, Teams e WhatsApp, sendo este último utilizado nos casos em que houve problemas com a reunião através da primeira ferramenta online mencionada. O período da coleta de dados foi de aproximadamente 3 semanas, sendo final de março e início de abril. O quadro 3 apresenta um resumo dos participantes da pesquisa.

Quadro 3 – Resumo das entrevistas

Entrevistado	Cargo	Abordagem da Entrevista	Tempo de Duração	Escola Representada
Entrevistado A	Professora de Matemática	Presencial	15 minutos e 26 segundos	Escola 1
Entrevistado B	Coordenadora Pedagógica	Presencial	13 minutos e 59 segundos	Escola 1
Entrevistado C	Professora de Matemática	Presencial	22 minutos e 52 segundos	Escola 2
Entrevistado D	Professor de Matemática	Presencial	25 minutos e 49 segundos	Escola 2
Entrevistado E	Coordenador Pedagógico	Presencial	17 minutos e 02 segundos	Escola 2
Entrevistado F	Professor de Matemática	WhatsApp	21 minutos e 31 segundos	Escola 3
Entrevistado G	Professora de Matemática	Meet	36 minutos e 44 segundos	Escola 3
Entrevistado H	Supervisora Escolar	Meet	14 minutos e 11 segundos	Escola 3
Entrevistado I	Professor de Matemática	Meet	35 minutos e 47 segundos	Escola 4
Entrevistado J	Professora de Matemática	WhatsApp	16 minutos e 55 segundos	Escola 4
Entrevistado K	Professor de Matemática	Teams	14 minutos e 18 segundos	Escola 5
Entrevistado L	Coordenadora Pedagógica	Teams	22 minutos e 28 segundos	Escola 5

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto a codificação dos entrevistados a mesma não seguiu rigorosamente a ordem de realização das entrevistas devido a disponibilidade variada de cada entrevistado. Assim, as codificações foram realizadas conforme a efetivação das participações de cada escola, ou seja, conforme todos os participantes de determinada escola efetivassem a entrevista. Assim, as escolas foram codificadas

através de números sendo 1 a primeira escola que concluiu sua participação e 5 a última escola que efetivou todas as entrevistas. Por entender-se que não existem diferenças significativas entre as entrevistas com a gestão das escolas e os professores, todos os entrevistados foram codificados por letras na ordem alfabética sendo A, B, C e assim por diante conforme a escola que representaram.

Além disso, as entrevistas foram semiestruturadas seguindo um roteiro prévio e permitindo a inclusão de novas perguntas oportunas de realizar conforme o decorrer da conversa com cada entrevistado. O roteiro de entrevista da gestão das escolas se encontra no apêndice A e objetivou verificar a percepção da gestão das escolas quanto à relevância de abordar a educação financeira no contexto escolar. Já o segundo roteiro, exposto no apêndice B, foi aplicado aos professores e buscou verificar a percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos em aprender questões do tocante à educação financeira, assim como identificar os principais desafios enfrentados durante o processo de ensino do assunto. Ao todo foram entrevistados 12 profissionais, sendo 4 representantes da gestão das escolas e 8 professores de matemática.

Após a coleta dos dados foi realizada a análise destes a fim de buscar respostas à pergunta proposta pelo estudo. A técnica que foi utilizada para realizar essa análise é descrita no próximo subcapítulo.

3.4 Técnica de análise de dados

A pesquisa realizada neste estudo foi do tipo qualitativa onde não há a necessidade de representatividade numérica de uma determinada população, mas sim de compreender mais a fundo processos e situações através de uma visão mais subjetiva (NIQUE; LADEIRA, 2017). Sendo assim, para analisar os dados coletados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, visto que se objetivou analisar as entrevistas realizadas após a transcrição das mesmas. Para Bardin (2014, p. 45), “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça.”. Gil (2017), afirma que nesta técnica de análise de dados as análises e interpretações dos dados são realizadas de forma simultânea a sua coleta, ou seja, logo na primeira entrevista realizada já se inicia o processo de análise e interpretação dos dados.

Ainda de acordo com Gil (2017), a análise de conteúdo pode ser dividida em algumas etapas, sendo essas:

- Codificação dos dados: objetiva-se identificar os principais conceitos e temas centrais encontrados durante as transcrições das entrevistas.
- Classificação por categorias analíticas: nesta etapa os dados são agrupados em categorias de acordo com as semelhanças que os mesmos apresentam.
- Exibição dos dados: os dados são organizados, sumarizados e relacionados através da utilização de ferramentas como as matrizes e os diagramas, por exemplo.
- Busca de significados: nesta fase cabe ao pesquisador utilizar de forma satisfatória suas habilidades analíticas a fim de encontrar significações nos dados encontrados. Há algumas táticas que auxiliam nessa busca como o agrupamento e a verificação sistemática dos temas.
- Busca da credibilidade: por fim, os dados são verificados quanto a sua confiabilidade a fim de gerar credibilidade e transparência ao estudo.

A partir dessas etapas a análise de conteúdo dos dados oriundos das entrevistas permitiu mapear e identificar os principais desafios enfrentados no ensino de questões financeiras a jovens estudantes do ensino médio sob a perspectiva dos educadores.

Ocorreu também a utilização e criação de elementos visuais como mapas conceituais, quadros e figuras-sínteses visando auxiliar no entendimento da análise qualitativa dos dados coletados e analisados.

O próximo subcapítulo apresenta as limitações que o método enfrentou.

3.5 Limitações do método

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa o principal fator limitante consiste na não generalização dos resultados. Visto que a amostra desta pesquisa foi pequena e, por tanto, não suficiente para representação estatística.

Outra limitação a ser considerada consiste na limitação da região, pois o estudo se limitou a região de Porto Alegre por conveniência, visto que a pesquisadora teria acesso a essa localidade com maior facilidade. Em função disso, não foi considerado a participação de escolas de outras localidades.

A limitação de tempo também foi um fator limitante enfrentado. Ocorreu limitações quanto ao tempo das entrevistas em alguns casos tanto com a gestão da escola como com os professores devido a carga horária apresentada por alguns desses entrevistados.

O capítulo seguinte apresenta os resultados oriundos das entrevistas realizadas, bem como a análise dos mesmos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com a gestão das escolas e professores a fim de alcançar respostas aos objetivos propostos pelo estudo.

O capítulo inicia expondo a importância da educação financeira na vida dos indivíduos a partir do ponto de vista dos entrevistados – tanto dos gestores das escolas quanto dos professores. Logo após, é exposta a atual abordagem da educação financeira dentro das escolas que participaram do estudo, como o tema é percebido pelos gestores educacionais e como a interdisciplinaridade está relacionada à educação financeira. Em seguida, são abordados os principais desafios enfrentados durante o processo de aprendizagem da educação financeira no nível de ensino médio, bem como o interesse dos alunos em aprender questões de natureza financeira sob a perspectiva dos educadores e, enfim, são expostas as expectativas futuras para o tema.

4.1 Importância da educação financeira

Inicialmente a fim de compreender a percepção de importância da educação financeira aos indivíduos que trabalham e transpassam esse conhecimento a jovens estudantes são apresentadas algumas das impressões dos entrevistados sobre o tema.

De forma geral, notou-se que a educação financeira é considerada um tema de extrema relevância para todos os entrevistados. Muitos consideram que o assunto consiste em uma ferramenta capaz de auxiliar na organização das próprias finanças, na elaboração de um planejamento financeiro, no consumo mais consciente e, com todos esses fatores, promover muitos impactos na vida presente e futura de cada indivíduo. O entrevistado H expõe que “[...] se tu consegue te organizar pras questões que envolvem a vida financeira, tu realmente vai ter resultados melhores e, por consequência, tua vida vai ficar melhor.”. Ou seja, a educação financeira se trata de um instrumento capaz de auxiliar os indivíduos quanto a gestão das suas finanças pessoais, mensuração de variáveis envolvidas à determinada tomada de decisão, melhor análise de oportunidades e, por conseguinte, escolhas mais assertivas, assim como alcançar metas pessoais e

profissionais a médio e longo prazo e, com isso, usufruir de uma vida financeiramente mais saudável (BCB, 2013; SILVA; LEAL; ARAÚJO, 2018).

Outro fator identificado durante a realização das entrevistas foi a associação da educação financeira ao comportamento dos indivíduos perante as suas próprias finanças de forma a influenciar em atitudes relacionadas aos hábitos de consumo. Conforme comentado pelo entrevistado G, “[...] a educação financeira ela tá muito ligada ao comportamento das pessoas em relação as finanças.”. Esse fato identificado na coleta de dados corrobora com a ideia dos autores Grüssner (2007) e Mendes (2015) explorada nos capítulos anteriores deste estudo onde ambos afirmam que a educação financeira auxilia no planejamento e gestão dos próprios recursos financeiros possibilitando o alcance de metas a longo prazo, evitar situações financeiras prejudiciais, melhorar a qualidade de vida, bem como conquistar uma maior consciência quanto aos próprios hábitos financeiros.

Outro aspecto muito comentado pelos entrevistados foi a questão do endividamento e da inadimplência advinda da falta de conhecimentos envolvidos a educação financeira e os impactos que maiores conhecimentos sobre a temática provocariam no contexto local e global. Conforme relatado pela participante B “[...] a gente não tem uma educação financeira na sociedade assim. As pessoas não conseguem compreender a importância de guardar, a importância de viver de acordo com o que tu recebe, né.”. Do ponto de vista do entrevistado A, caso as pessoas tivessem maiores conhecimentos sobre a temática:

“[...] nós teríamos pessoas mais responsáveis com seu gerenciamento de dinheiro e não teríamos ... tanto SPC, tanto SERASA porque quando a pessoa aprende a se planejar (porque a gente não nasce sabendo de forma alguma, o que tu precisa é aprender) então assim, se tu aprende planejamento, talvez tu vai ter uma vida financeira muito mais saudável.”.

Corroborando com a visão do entrevistado A, o entrevistado G comenta que “Com certeza, se as pessoas tivessem um conhecimento maior, eu acho que a gente teria um equilíbrio em termos de finanças no país, no mundo. As pessoas viveriam mais felizes, mais tranquilas.”. Por fim, seguindo a mesma lógica o entrevistado J afirma que “Não é uma coisa individual é uma coisa coletiva.”. A partir disso, nota-se que há uma grande concordância entre os entrevistados e alguns autores como BCB (2013), Dias e Santos (2020) e Mendes (2015) onde a educação financeira poderia minimizar ou mesmo evitar o cenário de inadimplência e

endividamento presente atualmente no país. Expressando essa situação, o entrevistado I reitera resumidamente as possíveis contribuições da educação financeira na vida das pessoas e da sociedade como um todo:

“Nossa, bah! O impacto seria gigantesco! Nós teríamos uma sociedade com mais qualidade de vida, com o nível não só socioeconômico, mas sociocultural melhor. Nós teríamos uma sociedade com um número menor de endividados porque vai ser uma consequência da educação financeira. Enfim, eu acho que mais ou menos isso, nós teríamos uma sociedade com um capital socioeconômico maior, com capital sociocultural maior, uma qualidade de vida maior. O impacto seria gigantesco.”.

Por outro lado, quando abordados sobre a relação entre educação financeira e qualidade de vida, obteve-se de forma unânime a nítida relação entre os dois aspectos. Para os participantes da pesquisa, a educação financeira possui impacto direto na qualidade de vida *“Porque se tu sabe gerenciar financeiramente as tuas entradas de dinheiro e os teus gastos, tu vai ter uma vida mais confortável, livre de estresse, livre de baques emocionais.”* (entrevistado A). O entrevistado C justifica essa relação entre educação financeira e qualidade de vida afirmando que:

“[...] a partir do momento que tu tem o controle dos teus gastos, que tu consegue fazer um planejamento a médio e a longo prazo, isso te traz mais segurança não no sentido de ter, mas de equilíbrio. Ou seja, tu vai gastar aquilo que tu ganha, tu vai projetar aquilo que tu quer. Então, dentro de um controle daquilo que tu tem como custo, como gasto, como projeção, tu consegue organizar tua vida e isso te traz um certo conforto, penso eu, com qualidade de vida.”.

Corroborando com a ideia, o entrevistado I ressalta que:

“[...] é fundamental tu te educar para isso. Ter um planejamento a partir da educação que tu teve, obviamente, vai ser um dos geradores, né. Não o único, né. Mas, um gerador importante para que tu tenha qualidade de vida.”.

Assim, conforme os depoimentos recebidos, a qualidade de vida pode proporcionar melhores impactos não apenas em âmbito financeiro na vida de uma pessoa, mas também em aspectos emocionais. Isso é perceptível explicitamente no depoimento da entrevistada J onde ela menciona que *“[...] na verdade qualidade de vida tá ligada ao bem-estar, bem-estar no geral [...] e estar bem financeiramente*

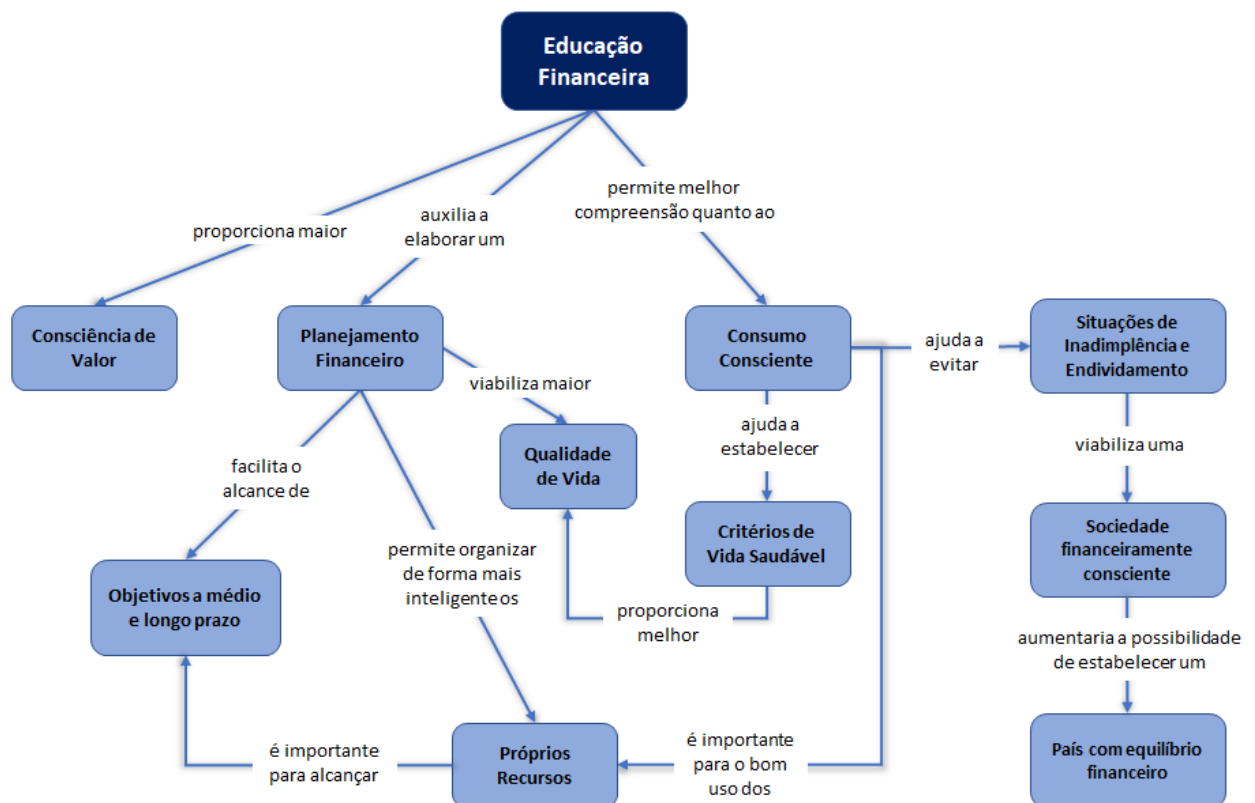
também nos causa segurança, saúde emocional, saúde física, de mente.”. Complementando, o entrevistado G comenta que:

“Ninguém consegue ser feliz com dívida. Ninguém consegue ser feliz chegando no final do mês e sabendo que trabalhou o mês todo e não teve um lucro, não teve pelo menos vontade de ... de deitar no travesseiro e saber que a gente consegue manter os nossos gastos equilibrados.”.

Diante disso, foi percebido que o raciocínio de autores como Grüssner (2007), Mendes (2015) e Pelicioli (2011) foram reafirmados. Visto que os mesmos sinalizaram em seus respectivos estudos, assim como os entrevistados, que o dinheiro exerce influência direta na qualidade de vida dos indivíduos e, em função disso, aqueles que realizam uma boa gestão dos seus recursos financeiros, possivelmente, irão usufruir de uma qualidade de vida melhor perante àqueles que não possuem uma boa gestão sobre seus recursos pessoais.

Em suma, a figura 6 expõe os principais pontos identificados nas entrevistas quanto à importância e utilidade da educação financeira na vida das pessoas.

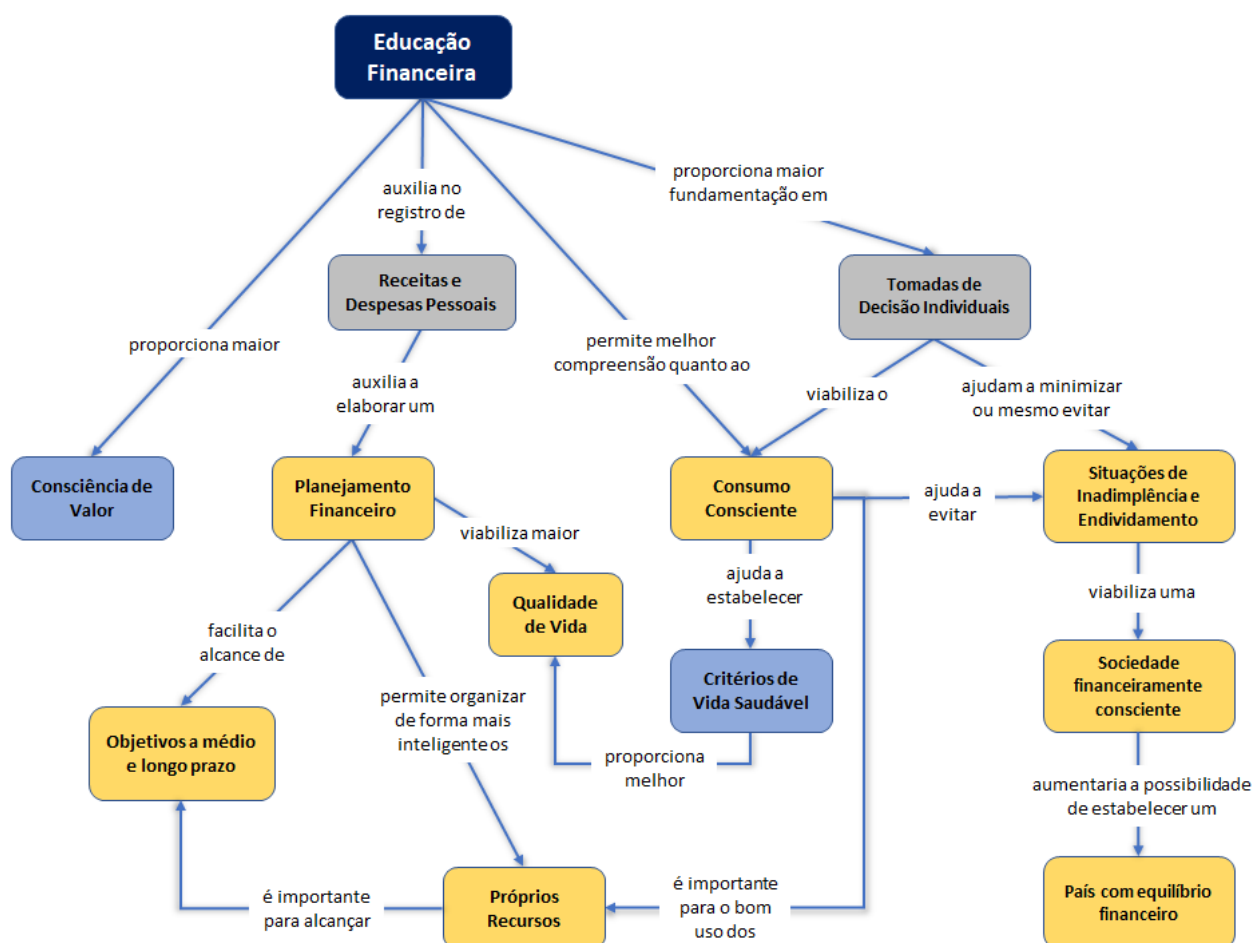
Figura 6 – Principais aspectos oriundos das entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora.

Notou-se que muitos dos aspectos encontrados no decorrer da realização da pesquisa bibliográfica foram mencionados durante as entrevistas ocasionando na identificação de algumas semelhanças. Sendo assim, foi realizada a análise quanto à relação destes aspectos obtidos na coleta de dados (apresentados anteriormente na figura 6) com os aspectos identificados no decorrer da fundamentação teórica deste trabalho. E, para melhor entendimento, a figura 7 apresenta de forma sintetizada todos os aspectos identificados no decorrer do estudo sobre a relevância da educação financeira para a vida dos indivíduos.

Figura 7 – A educação financeira e sua importância



Fonte: Elaborado pela autora.

Destaca-se que, na figura acima, os quadrados azuis se referem aos dados obtidos através das entrevistas realizadas, os quadrados na cor cinza são os dados oriundos da pesquisa bibliográfica realizada no capítulo 2 deste estudo e, por fim, os quadrados na cor amarela são as informações identificadas tanto na pesquisa bibliográfica quanto nas entrevistas.

A seguir é apresentada a visão dos entrevistados quanto ao papel desempenhado por alguns agentes disseminadores da educação financeira.

4.1.1 Papel de alguns agentes: governo, escola e família

Para entender melhor como cada um desses 3 agentes elencados (governo, escola e família) poderiam contribuir e trabalhar para disseminar cada vez mais a educação financeira, buscou-se entender qual a visão de cada entrevistado atuante no ambiente escolar sobre cada um desses agentes. É válido reforçar que estes 3 agentes foram elencados devido ao fato de identificá-los e mencioná-los anteriormente no decorrer do trabalho.

Para 9 dos 12 entrevistados, ou seja, para 75% dos participantes da pesquisa a educação financeira deveria ser disseminada pelos 3 agentes não existindo um responsável principal por tal disseminação do assunto. Conforme o entrevistado H exemplifica: *“É uma tríade, né. [...] Não adianta só a escola fazer o papel dela se a família não tem também essa noção e se o governo também não faz esse trabalho.”*. Dessa forma, segundo os entrevistados, esses 3 atores deveriam trabalhar em conjunto a fim de gerar impactos mais significativos do tema para com a sociedade. Todavia, 3 dos entrevistados apresentaram uma opinião diferente. Para o entrevistado A, a família seria o principal responsável, visto que o exemplo percebido em casa seria transpassado mais fortemente ao indivíduo. Já para o entrevistado B, o governo deveria desempenhar o papel de principal disseminador do assunto, pois ele forneceria respaldo para a escola e a família debater e trabalhar o tema. Por fim, o entrevistado F mencionou que a escola seria o principal agente, pois se trata do agente formador, ou seja, aquele que transpassa esse conhecimento às pessoas. De qualquer forma, todos os entrevistados acreditam que existe espaço para melhorias nos 3 contextos abordados e comentaram algumas formas que poderiam ser adotadas por cada agente objetivando disseminar ainda mais a educação financeira.

Quanto ao governo, se destacou no discurso dos entrevistados possíveis melhorias quanto a projetos, programas e campanhas como forma de incentivo para a propagação do assunto. Com isso, ocorreria uma maior divulgação do assunto em meio a sociedade e, possivelmente, promoveria um debate maior entre os indivíduos em diversos âmbitos da sociedade. O entrevistado K ressaltou a importância do

governo na atuação junto às famílias como forma de contribuir para o debate da temática no contexto familiar afirmando que o governo, “[...] *por sua vez, dando subsídio pra que essas famílias tenham conhecimentos básicos pra passar pra esses estudantes.*”. Assim, “*O papel do governo é incentivar, né. Incentivar a educação em todos os sentidos inclusive nessa parte de educação financeira.*” (entrevistado F).

No que se refere ao contexto escolar, o principal aspecto percebido para aprimorar e ampliar a disseminação do assunto foi a questão de se trabalhar a temática através de um eixo transversal ao passo que é necessário buscar a contextualização e o vínculo do tema ao cotidiano dos alunos. O entrevistado F comenta que “[...] *a escola poderia trabalhar esse contexto de forma mais contextualizada através de uma oficina, formação, alguns projetos.*”. De forma complementar:

“[...] a educação financeira, ela é uma ótima oportunidade de a gente desenvolver todas essas habilidades operacionais e ao mesmo tempo contextualizar a matemática na vida, na sala de aula, nas operações, na sua gestão emocional, no seu controle financeiro, ou seja, num todo.” (entrevistado C).

Por fim, no âmbito familiar houve grande enfoque na possibilidade de maior diálogo sobre a educação financeira entre os membros da família. Comentar sobre os principais gastos e fontes de receita, do planejamento e dos objetivos da família, bem como sobre consumo consciente foram alguns dos pontos mais mencionados e que, segundo a maioria dos entrevistados, se abordados em ambiente familiar por meio da conversa poderiam gerar melhores resultados na consciência financeira das pessoas. Ou seja, “*A família trabalhar essa conscientização do consumo, do planejamento, da organização familiar.*” (entrevistado H). O entrevistado A exemplifica dizendo que:

“a gente aprende por ver o que acontece em casa. Então assim, eu sempre vi minha mãe fazendo gerenciamento financeiro e meu pai ... ‘nós temos esse salário, nós temos nossas contas fixas para pagar então vamos ver se a gente pode fazer algo a mais fora do contexto das obrigações que a gente tem mensal.’ [...] Tu aprende vendo.”

Relatando uma experiência semelhante a essa, o entrevistado G comenta que:

“Eu venho de uma família que a minha família já trabalhava nisso. A gente sabia, por exemplo, o que meu pai ganhava, o que minha mãe ganhava, quando meu pai faleceu como ficou nossa situação perante não ter mais o salário dele e passar a viver com o salário do INSS da época que daí a minha mãe ganhava uma pensão. Então, depois que minha mãe se aposentou, a gente também viver por aquele momento de diminuir o dinheiro que entrava, o que a gente tinha de receita. Então, eu acho muito importante que a família também tenha esse contato.”

Com isso, foi possível perceber que, na visão dos entrevistados, embora para alguns um agente possa desempenhar um papel maior perante os demais agentes, é importante que todos os agentes trabalhem de forma conjunta a fim de se complementarem e preencher as lacunas existentes nos 3 âmbitos e, por conseguinte, tornar o assunto mais propagado na sociedade. *“Não há um principal responsável. É um compromisso de todos. A gente precisa unir esforços.”* (entrevistado E). Porém, tendo em vista que o foco deste trabalho é observar a educação financeira no contexto escolar, o próximo subcapítulo apresenta como a temática está sendo trabalhada no âmbito escolar e como a gestão das escolas percebem o tema.

4.2 Educação financeira no contexto escolar

Autores como Halfeld (2001), Silva et al. (2017) e Radaelli (2018) mencionam que o conhecimento advindo das instituições escolares ainda é insuficiente e apresenta muitas lacunas. A partir disso, com o objetivo de compreender melhor se houve algum avanço no modo como o tema se faz presente nas escolas, buscou-se verificar como a educação financeira está sendo trabalhada dentro das salas de aula na atualidade em cada escola participante do estudo.

De forma geral, se percebeu que a educação financeira está presente em todas as escolas participantes do estudo. Essa presença se dá tanto de forma implícita quanto explícita. Por implícito entende-se algo que é subentendido, que não é comunicado de forma óbvia e sem restrições (LUFT, 2008). Ou seja, quando a educação financeira é manifestada de forma tácita durante a aprendizagem em sala de aula não sendo expressa de forma nítida, mas podendo ser percebida de forma subentendida. Já explícito trata-se de algo claro, que é discutido de forma cristalina, evidente e sem ambiguidades (LUFT, 2008). Isto é, quando é claramente expresso que o conteúdo tratado em sala de aula em determinado momento é a educação

financeira. Assim, se percebeu que o tema é abordado por meio de aulas, trabalhos e projetos específicos para tal, bem como em aulas, projetos e eventos que vinculam a educação financeira a outros assuntos.

Quando manifestada de forma implícita, se nota que a educação financeira é abordada apenas em conjunto a outros conteúdos curriculares. Neste contexto, apenas uma escola (escola 1) assumiu trabalhar a educação financeira ainda de forma predominantemente implícita durante as aulas embora a instituição esteja realizando um movimento com o objetivo de tornar o assunto mais explícito nas salas de aula. Os entrevistados A e B, representantes da escola 1, comentaram um pouco sobre essa questão e afirmaram que o tema não é diretamente exposto durante as aulas e forma exclusiva. *“Nós não temos uma aula, por exemplo, de educação financeira [...] as professoras de matemática abordam essas questões, mas não é uma aula específica.”* (entrevistado B). Contudo, quando perguntado sobre a existência de algum planejamento para dar maior enfoque ao tema, o entrevistado A afirmou complementando que:

“A gente trabalhava concomitante, mas não dava o nome. Talvez a gente trabalhava com o conteúdo em si, com gerenciamento financeiro, mas ele não tinha o nome de educação financeira. Só que agora se percebeu que, às vezes, tu precisa nomear as coisas e identificar.”

Assim, é perceptível que a escola 1 já vem trabalhando em maneiras de inserir o tema de forma mais consistente na sua instituição de ensino através da inclusão do tema em itinerários conforme expõe a coordenadora do ensino médio: *“Ela (a educação financeira) vai entrar também no novo ensino médio dentro dos itinerários de vida em que eles (os alunos) vão poder optar futuramente pela área de exatas e da matemática.”* (entrevistado B).

Por sua vez, as demais escolas afirmaram trabalhar a educação financeira de forma explícita durante as aulas. Essa abordagem se apresenta de diversas formas, mas a predominância se dá por meio de projetos. A escola 2, que teve 3 participantes na pesquisa, apresentou dois pontos de vista distintos sobre essa questão sendo que 2 dos entrevistados (participantes C e E) afirmaram que a educação financeira é trabalhada de forma predominantemente explícita e, em contrapartida, 1 dos entrevistados (participante D) afirmou perceber a abordagem de forma mais implícita durante as aulas. Todavia, a partir da análise dos relatos

apresentados pelos 3 representantes da escola 2 foi possível concluir que a abordagem mais presente atualmente na escola é a explícita. Isso se dá devido ao relato de que atualmente a escola vem trabalhando com uma unidade curricular denominada educação financeira. Essa unidade curricular é composta por dois temas centrais sendo estes educação financeira e estatística e ocupa um período semanal da grade curricular da escola com o objetivo de transmitir o assunto aos alunos ao passo que retira a responsabilidade única e exclusiva da disciplina de matemática de abordar o tema. Como relatado:

“[...] a gente reestruturou o nosso ensino médio e nós incorporamos uma unidade curricular chamada ‘Educação Financeira’. E a ideia é que os estudantes tenham a cada semana aulas específicas foras, separadas da matemática. Então, a gente tira assim a responsabilidade da matemática de tratar desse tema e a gente cria um espaço reservado em que esse tema obrigatoriamente será discutido.” (entrevistado E).

Antes da criação desta unidade curricular, o tema já era mencionado pelos professores de matemática durante as aulas sendo vinculado a outros conteúdos e através de projetos específicos, mas a entrevistada C justifica essa ação tomada pela escola de criar uma unidade específica para o tema afirmando que: *“[...] agora nos últimos anos, até por uma necessidade pedagógica, a gente percebeu que tem que ser assim uma coisa mais direcionada.”*

Já a escola 3 foi unânime em afirmar que atualmente a educação financeira é trabalhada de forma explícita. A escola possui um projeto de vida que consiste em trabalhar questões voltadas ao desenvolvimento pessoal dos alunos e um dos tópicos contemplados no projeto consiste na educação financeira. Assim, desde o sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, os estudantes desenvolvem suas habilidades e competência para realizar a gestão da sua própria vida. O projeto conta também com uma apostila com as orientações das diretrizes a serem trabalhadas e desenvolvidas com os alunos. Com isso, a escola 3 visa proporcionar e transmitir conhecimentos envolvidos à educação financeira, sustentabilidade, empreendedorismo e entre outros assuntos para os seus estudantes. É válido mencionar que o grau de aprofundamento destes conteúdos se dá conforme o nível escolar de cada estudante. Além desse projeto comentado durante as entrevistas, a instituição educacional possui ainda uma eletiva voltada à educação financeira (inserida na escola neste ano onde no período da tarde os

alunos do segundo e do terceiro ano do ensino médio poderão debater e aprender sobre o assunto caso tenham optado por esta eletiva ofertada pela escola) e busca ainda abordar o tema durante as aulas levando situações práticas para vincular aos conceitos estudados a fim de proporcionar um melhor entendimento por parte dos alunos.

A escola 4, por sua vez, também possui atualmente um itinerário destinado à educação financeira, porém tem como foco principal trabalhar a educação financeira durante as aulas conciliando o tema a outros conteúdos. Foi destacado por ambos os professores entrevistados (participantes I e J) que sempre é exposto aos alunos de forma clara que estão trabalhando conceitos envolvidos à educação financeira propriamente e, em função disso, consideram que a abordagem do assunto é explícita. Conforme relatado pela entrevistada J:

“Então, eu trabalho conceitos, assim, ligados a orçamento, a planejamento, à economia, à administração do dinheiro [...] E aí o objetivo é sempre aquele, né: fazer com que os estudantes tomem decisões conscientes em relação à finanças e também a consumo. E a gente trabalha (assim vou te dar um geral do ano) orçamento familiar, orçamento pessoal, metodologias de planejamento financeiro, da diferença entre necessidade e desejo [...]”.

Outro ponto interessante identificado durante as entrevistas dos representantes da escola 4 se trata da percepção dos educadores em se atentar aos assuntos que os alunos estão comentando e demonstrando curiosidade em aprender visando introduzir esses assuntos ao conteúdo da aula e ampliar as discussões e, conseqüentemente, o conhecimento adquirido pelos estudantes. Conforme explica o entrevistado I: *“Então, eu tento encaixar de maneira que eu vá, obviamente, atendendo a BNCC, atendendo a curiosidade deles e também trazendo uma ampliação desse conhecimento, educando pra isso também, né.”.*

Por fim, a escola 5 relatou que no nível de ensino médio existe atualmente dois currículos paralelos na instituição de ensino onde o segundo e o terceiro ano seguem a antiga matriz curricular pré-reforma do ensino médio e o primeiro ano segue a nova matriz desenvolvida pós-reforma do novo ensino médio. Dessa forma, a escola afirmou que, a partir desse ano, adota de forma mais explícita o tema na instituição a partir da oferta de um itinerário do tocante à educação financeira. Conforme relata a entrevistada L:

“[...] hoje o colégio oferta, além de um conteúdo curricular que é previsto no ensino médio dentro da área de matemática, eles tem no currículo educação financeira. Nós temos no itinerário formativo optativo. Então os estudantes podem escolher dentro das disciplinas que eles optam, conforme a área de conhecimento, educação financeira.”

Corroborando com a entrevistada L:

“E agora com o novo ensino médio o nosso itinerário informativo, né [...] eu acho que já se tornou explícito a matemática financeira aqui dentro. Não é mais aquela coisa que ‘ah, devemos trabalhar de uma melhor forma’. Eu acho que estamos consolidando uma boa forma de trabalho.” (entrevistado K).

Também, foi mencionado brevemente um projeto desenvolvido desde o ano passado cujo foco são os alunos do ensino fundamental onde esses estudantes discutem no turno inverso sobre o assunto em um clube de educação financeira. E, além disso, foi ressaltado a abordagem do assunto no decorrer das aulas do nível de ensino médio sinalizando a presença da educação financeira em diversos conteúdos.

Para melhor compreensão, o quadro 4 apresenta de forma resumida o tipo de abordagem adotada por cada uma das 5 escolas participantes no estudo (implícita ou explícita) e as principais maneiras em que essa abordagem sobre educação financeira ocorre.

Quadro 4 – Educação financeira nas escolas no nível de ensino médio

Escola	Tipo de abordagem atual	Principais maneiras de abordagem do tema
Escola 1	Implícita	A educação financeira é trabalhada principalmente de forma concomitante a outros conteúdos sendo abordada de forma subliminar e não mencionada abertamente durante as aulas. Contudo, nota-se a existência de um planejamento interno para inserir de forma mais consistente o assunto a curto prazo dentro da agenda da escola.
Escola 2	Explícita	Existe uma unidade curricular denominada educação financeira que trabalha o assunto em conjunto à estatística. Com isso, semanalmente os alunos têm contato com o tema. Paralelamente, continua-se a realização de projetos específicos durante o ano letivo, bem como a abordagem do tema no decorrer das aulas de matemática vinculando-o a outros conteúdos como já era realizado anteriormente.

Escola 3	Explícita	O assunto é desenvolvido principalmente através de um projeto que possui início ainda no ensino fundamental e encerra no fim do ensino médio. Este ano foi implementada e ofertada na escola também uma eletiva (itinerário) de educação financeira onde os alunos poderão optar por cursá-la ou não. Além disso, o assunto é trabalhado durante as aulas relacionando-o a outros assuntos.
Escola 4	Explícita	A escola possui um itinerário de educação financeira em oferta aos alunos, contudo notou-se que o principal enfoque consiste em comentar sobre o tema durante as aulas trazendo situações práticas e cotidianas e assuntos que os alunos demonstram curiosidade em aprender.
Escola 5	Explícita	O tema é abordado em sala de aula durante a exposição de outros conteúdos. Porém, notou-se que, a partir deste ano, a escola está com foco principal no itinerário formativo ofertado aos estudantes do ensino médio sobre educação financeira como meio de dar mais enfoque ao assunto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante de tais evidências, percebe-se que a educação financeira está cada vez mais presente nas salas de aula. A escola que não aborda o tema de forma explícita e o faz de forma implícita já apresenta planos para inserir o tema no seu currículo escolar e proporcionar mais enfoque ao assunto. E aquelas que já tornaram a temática explícita aos alunos ou estão nesse processo de transição neste ano demonstraram saber da importância de inserir este tema em seus currículos escolares.

Dessa forma, notou-se que vem ocorrendo uma evolução gradativa da abordagem da educação financeira nas escolas. E um fator motivador para essa evolução foi a criação do novo ensino médio. Para explorar um pouco mais essa questão, o próximo tópico traz a percepção da gestão de cada escola sobre a relevância de incluir a educação financeira em seus currículos e como a nova estrutura da BNCC influenciou a inclusão da educação financeira no contexto escolar.

4.2.1 Percepção da gestão das escolas sobre a relevância de abordar a educação financeira no contexto escolar

Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, em seu estudo Pelicoli (2011) destaca que, embora haja muitas lacunas a serem preenchidas, já é

perceptível a realização de algumas ações para dar mais enfoque a educação financeira no contexto escolar. E uma dessas ações se trata da nova estrutura da BNCC cujo objetivo é orientar as escolas públicas e privadas do país quanto ao mínimo a ser ensinado durante o processo de aprendizagem dos estudantes desde os anos iniciais até o ensino médio (BOND, 2019; BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Conforme a atual estrutura da BNCC para o nível de ensino médio, a educação financeira deve ser vista como uma das competências a serem adquiridas pelos alunos a partir da sua abordagem na área de Matemática e suas Tecnologias, assim como em outras áreas do conhecimento de forma transversal (BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019).

Durante a realização das entrevistas com os representantes da gestão das escolas se identificou que um dos principais fatores que motivaram a inclusão da educação financeira na matriz curricular dos colégios foi a nova estrutura da BNCC e no caso do ensino médio, especificamente, a reforma do novo ensino médio promovida pelo governo. Essa identificação foi possível devido ao grande número de citações do tema durante o decorrer das entrevistas. Dos 4 representantes da gestão das escolas, 3 mencionaram diretamente a expressão “novo ensino médio” sinalizando que a reforma do novo ensino médio foi um dos fatores que motivou uma maior inclusão e enfoque da educação financeira no currículo escolar das suas instituições de ensino. Conforme conta o entrevistado E, a reestruturação do currículo do ensino médio adotado pela escola 2 neste ano se fundamentou na reforma do novo ensino médio utilizando as orientações previstas na BNCC como norteadores para a reformulação do nível de ensino médio da escola. E foi a partir disso que a educação financeira ganhou mais espaço na escola 2 sendo ampliada para uma unidade curricular. Já na escola 5, conforme já comentado no subcapítulo 4.2, está ocorrendo o início da implementação de um novo currículo para o nível de ensino médio para os alunos do primeiro ano do mesmo nível de ensino devido ao novo ensino médio. Com isso, a partir deste ano, os estudantes do primeiro ano do ensino médio passam a ter a possibilidade de optar por cursar educação financeira de forma mais aprofundada no itinerário informativo optativo oferecido pela escola.

Dessa forma, pode-se afirmar que a criação de uma nova estrutura para o ensino médio com maior enfoque à educação financeira foi um fator significativamente relevante para a inclusão e ampliação do tema nas escolas seja por meio de itinerário formativos, projetos ou mesmo trabalhando o assunto de forma

mais explícita. Assim como foi essencial para aumentar a percepção de importância das próprias escolas quanto à relevância de apresentar e trabalhar o tema dentro das salas de aula. Como já comentado no decorrer deste trabalho, Dias e Santos (2020), Pelicioli (2011) e Silva, Leal e Araújo (2018) destacam em seus estudos o quão relevante é inserir a educação financeira no contexto escolar como forma de possibilitar maior capacidade e senso crítico sobre decisões financeiras. Seguindo a mesma lógica, a representante da gestão da escola 3 relata:

“[...] acho que todo mundo que trabalha na área da educação sabe da importância que é trabalhar e desenvolver a questão da educação financeira dentro do espaço escolar. As famílias, principalmente, acabam terceirizando essa questão do desenvolvimento pra essas questões mais voltadas pra educação financeira pra escola. Eu julgo muito importante. Penso que isso não pode não ser trabalhado. [...] E tem que ser um tema que não pode fugir do currículo, tem que tá presente no currículo. Não tem como não estar.” (entrevistada H).

Assim, de forma geral, foi percebido que os gestores participantes da pesquisa consideram muito relevante que ocorra a abordagem da educação financeira no ambiente escolar como forma de desenvolver as competências de natureza financeira dos indivíduos. Além disso, foi notado que a reforma do novo ensino médio foi um fator de grande importância para que a educação financeira viesse a ser mais observada pelas escolas e, conseqüentemente, inserida de forma mais consistente no contexto escolar.

Outro ponto notado durante as entrevistas foi a questão da interdisciplinaridade quando comentado sobre o assunto central deste trabalho. Em função disso, a seguir é comentado como a educação financeira é abordada em outras disciplinas na escola.

4.2.2 A educação financeira e a interdisciplinaridade

Conforme exposto no decorrer do capítulo 4.2, a educação financeira não está presente nas escolas apenas em forma de itinerário formativo, projetos e nas aulas de matemática. Em alguns casos, o assunto se faz presente em outras disciplinas que possuem como tema principal outras áreas do conhecimento. A partir dos dados coletados, notou-se que as disciplinas de História e Geografia são as que mais se sobrepõe entre as disciplinas presentes nas escolas apresentando maior

interação com a área da Matemática a fim de trabalhar aspectos envoltos à educação financeira em sala de aula.

Quanto a disciplina de História, foi identificado a junção de ambas as áreas, principalmente, em momentos em que ocorre a discussão da parte histórica do dinheiro comentando a origem do dinheiro, bem como sua evolução ao decorrer dos anos e como o mesmo é visto nos dias atuais. Ou seja, em linhas gerais “[...] a história, em especial, ela fala sobre como era a educação financeira lá nos anos 30, anos 50, anos 60 e como ela tá atualmente. A importância que ela tem atualmente de estar vinculada e nomeada aos objetos de conhecimento.” (entrevistada A). Já nas aulas de Geografia, percebeu-se que a educação financeira é abordada em conjunto a questões econômicas que envolvem e geram impacto a um agregado econômico. Conforme exposto pelo entrevistado I, “Falando mais de economia assim, por exemplo, Geografia é uma disciplina que se aproxima muito, né.”. Porém, também existem momentos em que essas três disciplinas (Matemática, História e Geografia) conseguem trabalhar unidas a fim de transmitir os conhecimentos que englobam essas três áreas do conhecimento. Um dos professores entrevistados apresentou um ótimo exemplo de uma situação em que essas três disciplinas trabalharam em conjunto em um projeto da escola 4:

“[...] esse ano, por exemplo, logo que estourou ali o conflito entre Rússia e Ucrânia, nós fizemos um aulão: Matemática, Geografia e História. Então, nós trabalhamos os aspectos geopolíticos, as projeções econômicas e todo o contexto histórico. Como que chegou nesse momento que a Rússia começou a invadir a Ucrânia. Então, a gente trabalhou toda essa parte, né. Aí se falou o porquê que o dólar tá aumentando no Brasil, quais seriam os prejuízos da questão do agronegócio, fertilizantes. Então, foi um aulão com os três professores, né: Matemática, Geografia e História. Falando desse conflito e dentre os temas principais tava a questão da economia, questão de educação financeira, entender como que uma situação mundial/global ela vai afetar o local que é o nosso país, né. O local que é a casa deles (alunos), né.” (entrevistado I).

Com isso, nota-se que em contextos históricos quanto a origem e a evolução do dinheiro como moeda a disciplina de História atua juntamente com a Matemática para transmitir esse conhecimento e para questões no tocante à economia a área da Geografia é inclusa nessa dinâmica para apresentar o assunto de forma mais abrangente aos estudantes. Dessa forma, foi possível concluir que essas três áreas

possuem considerada afinidade para trabalhar a educação financeira de forma interdisciplinar.

Todavia, outras disciplinas também foram citadas pelos professores. São elas: Filosofia, Atualidades e Física. Quanto a Filosofia e Atualidades não foi exposto de forma clara como essa abordagem da temática financeira ocorre. Contudo, quando comentado sobre a disciplina de Física, foi exemplificado que a relação entre os dois assuntos (física e educação financeira) acontece, por exemplo, ao se abordar questões envoltas a gastos familiares e consumo pessoal dos estudantes.

“Física a gente trabalha porque, por exemplo, na questão do custo da energia elétrica que é um tema que tá em evidência cada vez mais. Então, eles (alunos) aprendem como se calcula, como é que funciona o cálculo de uma conta de energia. Eles também simulam, né. Eles pegam alguns aparelhos do quarto, da casa deles e eles simulam qual seria o custo de energia da casa deles. Então, o que que eles poderiam fazer pra reduzir [...] porque a gente estabelece ainda um patamar pra formar consumidores conscientes. Então, se tu faz o uso/consumo consciente da energia elétrica ou tu tá um pouquinho acima da régua ali de consumo consciente. Então, a gente trabalha isso também com eles e aí com a disciplina de Física, né. Em Matemática e Física.” (entrevistado I).

Sendo assim, foi possível perceber que a educação financeira pode ser explorada em muitas outras disciplinas e não necessariamente apenas dentro da área de Matemática e suas Tecnologias. Conforme enfatizado pela entrevistada G, a educação financeira “[...] com certeza consegue ser abordada em outras disciplinas, né.”. Fato que vai de encontro com a orientação presente na atual estrutura da BNCC onde é orientado trabalhar a educação financeira de forma transversal como forma de melhorar o aprendizado dos alunos sobre o assunto (BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Para a entrevistada C, um dos motivos pelo qual a educação financeira foi pensada e inserida na atual BNCC como um eixo transversal seria o fato de que o tema está relacionado e integrado a todas as áreas da vida de um indivíduo.

Apesar disso, foi percebido também que, embora o tema esteja mais presente nas salas de aula e esteja conquistando cada vez mais espaço não apenas na disciplina de Matemática, mas também em outras áreas do conhecimento, ainda existem muitos desafios durante o processo de aprendizagem da temática financeira. Em função disso, no próximo subcapítulo são apresentados os principais

desafios enfrentados durante o processo de aprendizagem da educação financeira durante o ensino médio.

4.3 Principais desafios no processo de aprendizagem

Embora apresente uma gradativa evolução nas escolas e esteja cada vez mais presente durante as aulas, a educação financeira ainda enfrenta algumas dificuldades durante o processo de aprendizagem de jovens estudantes do nível de ensino médio. Diante disso, procurou-se identificar quais são os principais desafios enfrentados durante esse processo de aprendizagem sob a perspectiva dos professores.

O principal desafio identificado durante a realização das entrevistas foi a falta de maturidade e experiência dos próprios alunos perante o uso efetivo do dinheiro. Segundo os professores, por não usufruir ainda do seu próprio dinheiro e não ter a necessidade de gerir suas finanças e, em consequência, não enxergar relação entre o assunto com a prática do seu cotidiano, o aluno do ensino médio acaba apresentando dificuldades na compreensão da real necessidade em aprender e adquirir conhecimentos envoltos à temática financeira. Com isso, embora consigam assimilar conceitos teóricos da educação financeira, alguns estudantes não conseguem ter uma real percepção de valor, de gastos familiares e de necessidades futuras que terão. E, em função disso, não percebem a relevância da educação financeira que, segundo os professores, poderiam auxiliá-los na vida adulta como ferramenta para gerir melhor as próprias finanças. Conforme relatado:

“Na realidade talvez o ensinar conceitos não seja difícil. Talvez o que falte um pouquinho são as experiências de fato porque as experiências elas vão acontecendo ao longo da vida. [...] a experiência de fato mesmo, algumas, só na vida adulta que eles vão enfrentar, né.” (entrevistado I).

Preparo, por vezes, inadequado ou insuficiente dos educadores sobre o tema, bem como oferta de material e tempo para trabalhar o assunto em sala de aula foram outros desafios mencionados pelos professores. A professora G, realizou um relato pessoal para expor a falta de formação adequada dos educadores explanando que *“O que me preparou foi ir pro Google e pesquisar e ver projeto de professores e ver projeto de escolas [...]”*. Ou seja, para conseguir se preparar suficientemente para trabalhar a educação financeira durante as aulas foi preciso

recorrer a outros meios como pesquisas em plataformas virtuais e busca por projetos desenvolvidos por outros professores e escolas. Fato que corrobora com a afirmação de Silva et al. (2017) de que muitas vezes os indivíduos necessitam buscar um aperfeiçoamento sobre este assunto no decorrer da vida adulta, pois o conhecimento oriundo das escolas, às vezes, não é o suficiente.

Por sua vez, a professora J expos um relato pessoal comentando sobre a dificuldade em encontrar materiais pedagógicos tanto em termos de quantidade quanto de qualidade durante a sua preparação para desenvolver e trabalhar o assunto em sala de aula. Para ela, a falta de material foi um dos maiores problemas enfrentados para que pudesse preparar adequadamente as aulas e transmitir o conhecimento aos estudantes: “[...] o meu maior problema, vamos dizer, foi encontrar material. Agora tem mais, tá [...], mas na época não tinha nada.” (entrevistada J). Dessa forma, para solucionar essa problemática, ela precisou elaborar o seu próprio material pedagógico com suas atividades desenvolvidas a partir do seu próprio conhecimento adquirido durante a vida acadêmica e pessoal a fim de conseguir transmitir o tema de forma mais eficiente aos alunos. Ainda, um aspecto importante para conseguir êxito em transmitir o tema de forma satisfatória aos estudantes se trata do tempo existente para trabalhar o assunto em sala de aula. De acordo com o professor da escola 4, “[...] às vezes, a gente esbarra também na questão do tempo, né. Porque tu tem todo o conteúdo programático. Então tu tem um limite [...]” (entrevistado I). Logo, algumas vezes, o conteúdo acaba não sendo abordado no decorrer das aulas devido ao cronograma escolar.

Por fim, um último desafio identificado foi a questão da existência de um desnivelamento de conhecimento entre os alunos. Sob a visão do professor K, existe dentro de uma mesma turma alunos com o nível de conhecimento esperado para o nível de ensino em que se encontram ao passo que existem também alunos que não possuem esse nível de conhecimento esperado. Ou seja, “A gente tem estudantes que estão muito à frente, tem estudantes que investem, que são investidores [...] e estudantes que mal sabem, por exemplo, o que é uma fatura de cartão de crédito.” (entrevistado K). Em função disso, é necessário realizar o nivelamento desses estudantes a fim de fazer com que todos alcancem o mesmo nível de conhecimento antes de iniciar a abordagem de um novo conteúdo.

A figura 8 apresenta os principais desafios enfrentados durante o processo de aprendizagem da educação financeira percebidos sob a visão dos educadores.

Figura 8 – Principais desafios sob a perspectiva dos professores



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da análise dos principais desafios enfrentados pela educação financeira nas escolas sob a perspectiva pelos professores, foi notado algumas semelhanças com outros desafios identificados anteriormente ao longo da fundamentação teórica realizada neste trabalho. Diante disso, a figura 9 expõe todos os desafios enfrentados ao longo do processo de aprendizagem da educação financeira a jovens estudantes do nível de ensino médio. Ressalta-se que os desafios destacados na cor azul são os desafios identificados durante a realização das entrevistas. Já os desafios sinalizados na cor cinza são aqueles mapeados durante a pesquisa bibliográfica e, por fim, os desafios em amarelo são os que foram percebidos tanto no decorrer das entrevistas quanto na bibliografia.

Figura 9 – Principais desafios enfrentados pela educação financeira nas escolas



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto a falta de maturidade e experiência do aluno em lidar com o dinheiro na prática, foi um desafio percebido apenas nas entrevistas, porém foi possível relacionar com alguns aspectos coletados na bibliografia. Um ponto sinalizado pelos professores foi a falta de percepção dos alunos do ensino médio quanto à importância da educação financeira e os impactos que a mesma pode provocar na vida adulta deles. Conforme mencionado por alguns autores como BCB (2013), Lizote et al. (2016), Lucci et al. (2006) e Silva, Leal e Araújo (2018), a educação financeira é de grande importância na vida de todo e qualquer indivíduo, uma vez que a mesma pode ser utilizada como ferramenta para auxiliar na gestão dos próprios recursos financeiros de forma mais eficiente e eficaz, além de servir como subsídio para tomadas de decisão ao compreender de forma mais clara diversos fatores e variáveis que permeiam determinada decisão.

Já a formação e capacitação adequada dos professores foi percebida nas duas etapas do estudo (pesquisa bibliográfica e coleta de dados). Os professores sinalizaram que é de extrema importância que os educadores busquem e recebam

uma formação contínua como forma de adquirir cada vez mais conhecimentos envoltos à temática. Fato que corrobora com a opinião exposta pelo próprio BCB (2013) onde o mesmo afirma que é necessário gerar incentivo aos educadores mostrando a importância da educação financeira, bem como de abordar o tema em sala de aula. Para os educadores, existem algumas formas de transformar essa formação continuada em realidade como através de cursos de extensão e especialização, por exemplo. Assim como, seria essencial que as universidades adaptassem seus cursos de graduação a fim de realizar as atualizações necessárias adequando os currículos de acordo com o novo formato do ensino médio com as diversas temáticas possíveis de abordar dentro dos itinerários formativos. "*Os professores, eles também tem que ser educados pra trabalhar esse tipo de tema em sala de aula.*" (entrevistado I). Realizar palestras com profissionais e especialistas advindos de outros contextos que não o escolar, bem como estimular a abordagem do assunto em reuniões pedagógica e promover o compartilhamento de experiência entre os professores em redes sociais e grupos que contemplem uma maior diversidade de culturas e visões com diversos professores do país inteiro foram outras formas mencionadas pelos educadores que poderiam auxiliar no aprimoramento e na capacitação contínua destes profissionais da educação.

Em relação ao fator tempo, foi identificado dois desafios sendo (1) o tempo disponível para que os professores possam realizar a preparação das suas aulas e (2) tempo para trabalhar a temática financeira em sala de aula com os alunos. Sendo cada desafio identificado em uma das etapas do estudo, foi percebido que é preciso fornecer aos professores tempo apropriado para que os mesmos possam se dedicar e preparar as suas aulas adequadamente (TOKARNIA,2019). E, a partir da melhor preparação das aulas, possivelmente os professores teriam mais tempo disponível para apresentar e explorar plenamente a educação financeira com os alunos em sala de aula, uma vez que o tempo para elaborar o cronograma das aulas seria maior. E, para que esse tempo seja apropriado para melhor preparo e debate em sala de aula é primordial que haja oferta adequada de materiais didáticos tanto para os educadores quanto para os educados (BCB, 2018; TOKARNIA, 2019). Contudo, conforme observado no decorrer deste estudo, a oferta de materiais também é uma dificuldade enfrentada pelos professores tendo ainda poucos materiais didáticos disponíveis para o uso imediato em sala de aula – o que,

segundo o BCB (2018), seria essencial tendo em vista que o tempo é um recurso finito.

Garantir que o aluno alcance o nível de aprendizado adequado em cada etapa do ensino foi outra dificuldade mapeada durante o desenvolver desta pesquisa. Assim, corroborando com Tokarnia (2019), o professor da escola 5 expõe que, “[...] *tem um desnivelamento muito grande assim na sala de aula.*” (entrevistado K). Fato que ocasiona em uma necessidade de igualar os conhecimentos de todos os estudantes antes de adentrar em um novo conhecimento. Por fim, a escalabilidade foi outro desafio observado no estudo. Devido a vasta dimensão e a ampla diversidade do Brasil, é necessário que a educação financeira seja trabalhada de forma flexível no país a fim de que cada região adapte o assunto à sua realidade regional (BCB, 2018). Conforme sugestão do BCB (2018) e como já mencionado anteriormente neste estudo, duas maneiras de reduzir essa questão da escalabilidade seriam promover a interação de professores e educadores financeiros na criação de materiais pedagógicos, bem como utilizar tecnologias digitais. Soluções estas que vão de encontro à possibilidade comentada pelo entrevistado I que compartilha:

“Eu acho que esse compartilhamento de ideias é fundamental. É uma coisa que eu sinto falta. Até temos nas redes sociais alguns grupos assim, né. Que tem, que a gente compartilha atividades, a gente conversa, tem o Brasil inteiro, né. Mas, mesmo assim, são poucos. Eu sinto, pela quantidade de professores que nós temos no país, são poucos que se interessam e entram ali pra partilhar as suas experiências ou um projeto que deu certo. Porque, muitas vezes, tu vai ali, pega um projeto pô, adapta a tua realidade, ao teu contexto. É sucesso também. Só que como eu te disse, eu vejo pouco procura, né. [...] Nós temos muito conteúdo aí, né. Só que eu vejo uma procura baixa assim perto do número que nós temos de professores.”.

Ou seja, utilizar ferramentas digitais e estimular o compartilhamento de ideias entre profissionais que trabalham com a temática financeira de fato são soluções possíveis para aumentar a escalabilidade e, com isso, propagar a educação financeira pelo país.

Diante desse cenário mapeado dos principais desafios enfrentados, foi possível perceber que o aluno é um agente fundamental durante o processo de aprendizagem da educação financeira. Por isso, o próximo tópico apresenta a

percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos em aprender o assunto e como o tema poderia ser mais atrativo para estes estudantes.

4.3.1 Percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos

Visando uma melhor compreensão sobre o entendimento dos professores em relação ao interesse dos alunos em aprender questões de natureza financeira, buscou-se observar durante as entrevistas qual a percepção daqueles que estão diretamente trabalhando o assunto com estes estudantes do ensino médio.

Dos 8 professores entrevistados, 6 afirmaram que os alunos do ensino médio demonstram grande interesse em debater e compreender questões no tocante à educação financeira. *“Tu tem percentual de engajamento altíssimo. Obviamente, não é 100%, né. Mas, é altíssimo. Perto de outras aulas que nós temos, o engajamento, o envolvimento, o tempo de envolvimento é muito maior. Muito maior mesmo.”* (entrevistado I). Alguns educadores realizaram uma comparação relacionando conceitos sobre educação financeira e matemática como forma de expor o grau de interesse dos alunos. Segundo os professores, quando são abordadas questões envoltas à matemática os alunos não se mostram motivados em consumir o conteúdo, sendo necessários estimulá-los e, às vezes, impor o conhecimento aos mesmos por meio de atividades com atribuição de notas avaliativas para que os estudantes realizem as atividades e entrem em contato com os conhecimentos matemáticos. Porém, quando abordado questões do tocante à educação financeira os alunos demonstram significativo engajamento se envolvendo nas aulas com maior grau de interesse e participando de forma mais ativa nas atividades propostas. A professora da escola 4 expõe essa situação relatando que *“[...] a matemática é, sabe daquele jeito. Por mais que a gente crie coisas diferentes eles ainda tem resistência. Mas, educação financeira eles adoram.”* (entrevistada J). O professor da escola 5 corrobora afirmando que *“[...] a matemática por si só os estudantes não são tão fã assim, mas quando a gente fala em educação financeira, de matemática financeira, os estudantes curtem.”* (entrevistado K).

Já os outros 2 professores afirmaram que os alunos não demonstram tanto interesse em aprender questões de âmbito financeiro ou se interessam mais ou menos no aprendizado. De acordo com estes professores, essa afirmação é justificada pela falta de maturidade, falta de percepção quanto a necessidade em se

preparar para o futuro ou mesmo simplesmente pela falta de interesse dos alunos em compreender questões envoltas ao tema. Quando comparado com a percepção dos representantes pela gestão das escolas, nota-se que existe uma sintonia quanto aos resultados obtidos a partir do ponto de vista dos educadores, visto que 3 representantes da gestão afirmaram notar um bom nível de interesse dos alunos da escola em discutir sobre educação financeira na sala de aula e apenas 1 afirmou não existir esse interesse por parte dos alunos – sendo este último correspondente a mesma escola do educador que também sinalizou não notar interesse por parte dos alunos no tema, o que até certo ponto valida os relatos obtidos sobre o real interesse dos estudantes em compreender conceitos de natureza financeira.

Diante disso, foi percebido que, sob o ponto de vista dos educadores, grande parte dos estudantes do ensino médio demonstram interesse em compreender questões de natureza financeira. Contudo, também foi identificado que existe uma parcela, mesmo que pequena, de alunos que não demonstram muita motivação em aprender questões envoltas à educação financeira. Em função disso, foi questionado aos professores como o tema poderia ser mais atrativo aos jovens estudantes deste nível de ensino e que não demonstram tanto interesse no tema a fim de aumentar o engajamento dos mesmos e, assim, disseminar ainda mais o conhecimento sobre o assunto. A partir disso, as principais sugestões identificadas nas respostas dos educadores para atrair esses jovens foram:

- Utilizar o educador como um fator estimulante para o estudante;
- Procurar por gatilhos emocionais para despertar o interesse do estudante;
- Trazer situações reais e mais próximas da realidade dos alunos;
- Estimular os estudantes para que eles mesmos levem situações e exemplos para debater em sala de aula;
- Buscar abordar o tema por esferas diferentes;
- Mostrar aos alunos que a educação financeira está presente em todos os âmbitos da vida de um indivíduo;
- Abordar o tema de forma precoce com os estudantes.

Na percepção do entrevistado I, existem muitos educadores no país que não se preocupam suficientemente em transmitir de forma concisa a temática financeira aos estudantes. Para ele, essa situação ainda se faz muito presente no Brasil onde,

em sua opinião, muitos educadores não se envolvem de fato com o assunto e não demonstram vontade em trabalhar verdadeiramente com o tema deixando, por consequência, de debater a temática financeira de forma aprofundada com os alunos em sala de aula seja “[...] *por falta, às vezes, de preparação, de conhecimento ou até mesmo de interesse [...]*” (entrevistado I). Sendo assim, necessário promover maiores incentivos aos professores a fim de motivá-los e conscientizá-los cada vez mais sobre a importância de trabalhar a educação financeira no contexto escolar. E, com isso, fazer do educador um aspecto motivador para o aluno.

Para os professores, existem alguns alunos que não demonstram interesse em compreender questões financeiras porque estão desmotivados com diversos fatores da vida e não apenas com o assunto. Em função disso, para atrair e despertar o interesse desses alunos, os professores acreditam que seria de extrema relevância visitar o contexto de cada aluno a fim de compreender a sua realidade e como eles poderiam ser estimulados intelectualmente para gerar maior engajamento durante as aulas. Para a professora da escola 3 *“Geralmente, o aluno que não tá interessado com o projeto, ele não tá interessado em muitas coisas, né. Então eu acho que teria que ter um gancho lá de emoções, algo que mexesse com ele.”* (entrevistada G). Corroborando com essa ideia, o professor da escola 4 exemplifica:

“É fundamental que eu visite um pouquinho mais o contexto de cada um pra que eu possa pensar em gatilhos que vão atrair ele (o aluno desmotivado). [...] Então, a gente procura visitar a partir de outras atividades conhecer um pouquinho melhor aquele estudante que não tá tão engajado, né. Conhecer um pouquinho melhor pra que tu possa pegar ali naquela atividade ... ideias ou gatilhos que pô se eu pegar e falar desse assunto, eu vou conseguir me aproximar mais dessa pessoa ou desse grupo de pessoas que não tá tão engajado. Então, é a partir disso. Nós fazemos outras atividades pra conhecer um pouquinho melhor, pra visitar um pouquinho melhor o contexto, pra puxar. Então, visitar o contexto do estudante é fundamental.” (entrevistado I).

Ou seja, a partir dessa maior inserção no contexto do aluno, é possível compreender melhor os aspectos que podem motivá-lo dentro da sala de aula. Algo que pode contribuir com outra sugestão identificada nas entrevistas em que situações reais deveriam ser mais exploradas durante as aulas, uma vez que o professor terá uma maior noção quanto a realidade do seu estudante. Conforme exposto:

“[...] seria interessante, talvez, situação real. Vai atrás de uma situação, pega as informações. Talvez isso fosse uma coisa que chamasse mais a atenção deles diretamente. Que a gente faz muita simulação, né. Então, talvez buscar alguma coisa mais direta, concreta, uma situação real, né.” (entrevistado D).

Isto é, *“[...] tem que pensar em ações, assim, da realidade desses alunos.”* (entrevistado F). Assim, incluir na sala de aula situações mais próximas ao cotidiano dos alunos seria uma forma de aproximar o assunto à realidade dos estudantes e, assim, aumentar a percepção de importância da educação financeira na vida deles. Conforme orientado pela BNCC, é importante que as questões do cotidiano destes jovens sejam utilizadas como cenário durante o processo de aprendizagem dos mesmos (BRASIL, 2021; TOKARNIA, 2019). Para tal, também seria importante estimular os estudantes para que eles tragam e exponham durante as aulas situações e aspectos que desejam trabalhar e debater na escola, pois seria um meio de promover maior interação e ligação entre a educação financeira e o cotidiano dos alunos. Concordante, o professor da escola 3 fala que *“Daqui a pouco eles trazem as ideias, eles trazem as possibilidades e daí o professor vai só mediando, auxiliando, explorando isso.”* (entrevistado F). E, expor de forma clara que a educação financeira está presente em diversas etapas da vida de uma pessoa e abordar o tema de formas diferentes são outras maneiras que, para os professores, poderiam atrair o interesse dos jovens para a temática. Ou seja, *“[...] mostrar que a educação financeira ela não tá somente no cálculo, no investimento, na organização financeira. [...] é mostrar que a educação financeira tá em todos os lugares né.”* (entrevistado K).

Por fim, se destacou também a relevância de abordar o tema de forma precoce com os jovens como forma de provocar a motivação e o interesse pelo assunto desde a infância deles. Para a professora da escola 2, a educação financeira deveria ser trabalhada com os alunos desde os anos iniciais, iniciando a abordagem de uma forma mais lúdica e aprofundando o grau de conhecimento conforme os alunos vão avançando nos níveis de ensino (entrevistada C). Seguindo a mesma lógica, a professora da escola 1 comenta que iniciar a educação de questões de âmbito financeiro de forma precoce seria importante *“[...] para que quando eles chegarem no ensino médio, eles já estejam com um amadurecimento maior nesse sentido de que educação financeira é importante e é para a vida.”*

(entrevistada A). Em concordância, autores como Silva, Leal e Araújo (2018) e a própria OCDE (2005) afirmam que é de grande relevância que os indivíduos sejam contextualizados e educados sobre questões de natureza financeira o mais cedo possível como forma de gerar maior familiarização com o assunto, bem como desenvolvimento e aprimoramento de habilidades e competências sobre a gestão das próprias finanças e, conseqüentemente, possam aproveitar melhor as oportunidades e usufruir de uma maior estabilidade e qualidade de vida a partir de uma vida financeira saudável.

Diante de tudo isso, notou-se que, de forma geral, o interesse dos alunos em questões envoltas à educação financeira é bem percebido pelos professores e que, quando os educadores notam uma falta de interesse destes jovens, procuram por formas de atrair os estudantes para que estes se engajem mais durante as aulas. Assim, o próximo subcapítulo aprofunda o debate sobre as principais percepções extraídas sobre o assunto central deste estudo, bem como as expectativas futuras para a educação financeira.

4.4 Percepções e expectativas futuras

A partir dos dados coletados e analisados, foi possível notar que a educação financeira está gradualmente ganhando mais notoriedade no contexto escolar. Como já visto, a reestruturação da BNCC e, em conjunto, a reformulação do ensino médio foi um fator motivador para que ocorresse uma significativa mudança quanto à notoriedade da educação financeira contribuindo para que houvesse uma maior inserção do tema dentro das escolas. Diante disso, foi identificado que a educação financeira não está mais apenas sendo abordada durante as aulas em meio a outros conteúdos, mas também está sendo debatida de formas diferentes, mais concisas e mais explícita com os alunos durante o ano letivo. Em função dessa maior notoriedade da educação financeira nos últimos anos, o professor da escola 4 acredita que em um futuro próximo:

“[...] a educação financeira vai ser o diferencial na vida das pessoas. Ela vai ter um impacto, como eu te disse antes, em qualidade de vida, em uma série de coisas. Então, assim: eu acredito que nós teremos profissionais melhores capacitados, mais envolvidos com esse tema e que vão, obviamente, tentar oferecer experiências de educação financeira

mais significativas pros estudantes, pros jovens, né. Que, obviamente, isso vai borrar na vida adulta de cada um deles.” (entrevistado I).

Outro fator que foi identificado nas entrevistas que poderia auxiliar ainda mais no fomento do assunto seria a maior interação e troca entre as próprias instituições de ensino. Visto que, para os 4 gestores entrevistados, ainda existe pouca ou nenhuma interação entre as diferentes redes de educação e escolas. Algo muito relevante, uma vez que essa interação entre escolas diferentes poderia gerar maiores conhecimentos e ideias quanto às abordagens do tema e, por consequência, aumentar a disseminação do assunto dentro do contexto escolar.

Diante deste cenário, foi percebido que atualmente a educação financeira é vista como uma tendência pelas instituições de ensino e, em um futuro próximo, possivelmente passará a ser presente em todas as escolas do país. Conforme exemplifica o entrevistado E:

“[...] acho que isso é uma tendência. A maior parte das escolas que eu tenho contato, trouxeram isso como um item do seu itinerário formativo. Então, eu acredito que é um caminho sem volta assim. Daqui a pouco isso se espalha para os anos finais daí de repente a gente já tá com um componente curricular naturalizado nas matrizes.”

Para tal, é importante que haja também, uma maior interação entre governo, escolas e famílias como forma de fomentar ainda mais o debate sobre o tema nos diversos contextos na vida dos indivíduos. Como já comentado anteriormente, isso seria viável a partir da maior participação ativa do governo atuando por meio de incentivos e programas governamentais, as escolas proporcionando e desenvolvendo habilidades e competências financeiras com seus alunos, assim como as famílias dialogando mais sobre seus orçamentos, planejamentos e demais questões que envolvam seus recursos financeiros. Pois:

“[...] quanto mais a gente trabalhar, quanto mais a gente falar sobre a educação financeira a tendência é contribuir pra que as pessoas pensem na sua educação financeira, que as pessoas começam a olhar pro contexto em que elas vivem e também comparar esses contextos com o contexto da sociedade.” (entrevistado G).

A partir do cenário exposto neste trabalho, o quadro 5 apresenta os principais pontos de atenção relacionados ao tema e abordados durante este estudo, como

eles se encontram nos últimos anos e quais são as perspectivas futuras para os mesmos.

Quadro 5 – Pontos de atenção e perspectivas futuras

Ponto de Atenção	Últimos anos	Perspectivas futuras
Abordagem da educação financeira em sala de aula	A educação financeira, quando abordada em sala de aula, é debatida principalmente durante as aulas de matemática ou de forma coadjuvante e implícita em trabalhos e projetos acadêmicos.	Abordagem de forma transversal em diversas aulas e projetos retirando a responsabilidade única da área de Matemática e suas Tecnologias e relacionando o tema a outras áreas do conhecimento. Também, acredita-se que com o passar do tempo e a naturalização da educação financeira no ambiente escolar, o tema será abordado também nos menores níveis de ensino (fundamental e anos iniciais).
Enfoque do aprendizado	Não há preocupação quanto à formação do jovem como cidadão e com capacidade de tomar decisões financeiras com qualidade. O aprendizado é baseado principalmente em fórmulas da matemática financeira e no cálculo puro.	Maior preocupação em capacitar os jovens quanto à sua formação cidadã. Abrangendo um contexto mais amplo de aprendizado, explorando situações presentes no cotidiano dos jovens e relacionando a prática com a teoria.
Formação e capacitação dos professores	Os professores já formados e ativos profissionalmente lecionando em sala de aula relataram que não tiveram uma capacitação satisfatória sobre o tema durante sua formação acadêmica. Com isso, muitos acabam complementando sua capacitação por conta própria ou por meio de incentivos das suas instituições de ensino.	Com a criação de itinerários formativos optativos voltados especificamente para a educação financeira muito provavelmente haverá uma atualização dos cursos de graduação, extensão e entre outros incluindo o assunto nos currículos e possibilitando uma capacitação melhor dos futuros professores durante sua formação acadêmica. Também, acredita-se que as escolas aumentarão suas ações de incentivo para a formação contínua de seus educadores.
Interesse dos alunos em compreender questões sobre a educação financeira	Do ponto de vista dos professores existe um aumento quanto ao interesse demonstrado pelos alunos em aprender questões de natureza financeira. Apesar disso, ainda existe uma pequena parcela que se mostra desmotivada.	Com o tema ganhando mais espaço para o debate em sala de aula acredita-se que futuramente os alunos tenham ainda mais interesse em compreender o assunto ao perceberem a relevância e os impactos que este pode provocar em suas vidas.

Percepção da gestão das escolas sobre a importância de inserir o tema no contexto escolar	A temática financeira aparenta não ter nenhum enfoque específico por parte da gestão das escolas sendo vista apenas como um conteúdo integrante da área da matemática.	Com a atual estrutura da BNCC como fator motivador acredita-se que a educação financeira ganhe mais espaço na agenda da gestão das escolas e, com isso, o assunto seja cada vez mais presente nos currículos escolares.
Sociedade brasileira e suas finanças	Grande parcela da sociedade brasileira se encontra endividada ou em situação de inadimplência. Poucas pessoas mapeiam, registram e controlam suas despesas e receitas. Devido a falta de controle sobre suas finanças pessoais, muitos indivíduos acabam tomando decisões, muitas vezes, equivocadas e prejudiciais a sua própria vida – fato que acaba gerando impactos negativos ao agregado do país.	Acredita-se que, com o aumento do debate da educação financeira no contexto escolar e com as mudanças advindas da orientação presente na BNCC, as pessoas sejam mais conscientes quanto ao uso de seus recursos financeiros tomando decisões individuais mais saudáveis e, por consequência, impactem positivamente no agregado econômico do país.

Fonte: Elaborado pela autora.

É notório que existe uma tendência ao aumento do debate sobre a educação financeira no contexto escolar. Fato que contribui significativamente com o desenvolvimento de habilidade e competências financeiras dos jovens e, por consequência, contribui com a promoção de uma sociedade financeiramente mais consciente, visto que os jovens serão cidadãos ativos para com a economia do país, ou seja, tomarão decisões individuais durante o decorrer de suas vidas que irão gerar impactos (positivos ou negativos) no agregado socioeconômico e cultural do país. Diante disso, acredita-se que futuramente o assunto esteja mais disseminado em outros contextos da sociedade brasileira como no meio familiar e governamental, por exemplo. E, com isso, os indivíduos tomem decisões de natureza financeira mais assertivas e possam usufruir de uma estabilidade financeira e melhor qualidade de vida, assim como a sociedade apresentando, por exemplo, menores índices de endividamento e inadimplência.

O capítulo seguinte apresenta as considerações finais sobre este estudo visando consolidar os aprendizados obtidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa apresentar as considerações finais oriundas do estudo de caso realizado neste trabalho por meio das entrevistas. O objetivo geral deste estudo foi analisar os desafios enfrentados durante o processo de ensino e compreensão quanto à importância da educação financeira a jovens estudantes do nível de ensino médio sob a perspectiva dos professores.

Verificou-se que a educação financeira proporciona muitos benefícios aos indivíduos em diversas esferas de suas vidas e, em função disso, a significativa importância de adquirir conhecimentos acerca da temática. Foi identificado que o indivíduo que utiliza a educação financeira como ferramenta para gerenciar de forma mais eficiente e eficaz os seus recursos financeiros, possivelmente, usufruirá de uma maior qualidade de vida. Pois, a partir da utilização cotidiana de conhecimentos envoltos à temática, é possível registrar e controlar melhor suas finanças pessoais, planejar de forma mais concisa e, por consequência, alcançar mais facilmente metas e objetos pessoais e profissionais, adquirir maior consciência quanto ao consumo, assim como tomar decisões financeiras com maior embasamento e, conseqüentemente, com maior qualidade. Assim, adquirir conhecimentos básicos sobre a educação financeira permite aos indivíduos tomar decisões financeiras com maior qualidade, bem como usufruir de uma vida financeiramente mais estável e saudável. Fato que impacta positivamente o agregado econômico do país ao contribuir com o aumento da consciência financeira da sociedade e a redução de situações de inadimplência e endividamento.

Ao analisar quais são os principais desafios da educação financeira no país para os jovens brasileiros, fato que contempla o primeiro objetivo específico deste trabalho, foi possível compreender que o cenário apresentado pela população geral do país é muito semelhante ao cenário apresentado pelos jovens. Ou seja, poucos possuem o hábito de controlar as próprias finanças e aproximadamente apenas metade destes possui alguma espécie de reserva financeira para eventuais emergências. Outro aspecto desafiante que foi mapeado se trata do consumo impulsivo e status social. Muitos dos jovens acabam fugindo de suas realidades e extrapolando seus gastos apenas para que possam ser aceitos em seus meios sociais ou demonstrar para a sociedade determinado status que lhes proporcione reconhecimento e prestígio social. Fato que é preocupante, visto que as decisões

que esses jovens tomam na juventude podem se perpetuar em suas vidas adultas. Por isso, é importante se atentar ao consumo consciente controlando os impulsos e o imediatismo a fim de evitar situações prejudiciais a vida financeira e, por consequência, a qualidade de vida destes jovens. Contudo, um aspecto positivo percebido quando observado a população jovem foi a propensão ao autoaprendizado, principalmente, por meio de ferramentas online – fato que pode ser visto como facilitador no aprendizado de questões envoltas à educação financeira aos jovens brasileiros.

No segundo objetivo específico, identificou-se que de forma geral a educação financeira está presente em todas as escolas participantes do estudo muito em função da percepção da gestão das escolas sobre a relevância de abordar a temática financeira no ambiente escolar. Foi percebido que para os gestores é de suma importância que a educação financeira seja trabalhada no contexto escolar como forma de desenvolver as competências e habilidades de âmbito financeiro dos indivíduos. Ao analisar a atual abordagem das escolas sobre a educação financeira, percebeu-se que a maioria das instituições de ensino que participaram do estudo já trabalham a temática de forma explícita em sala de aula por meio de aulas, trabalhos e projetos direcionados exclusivamente ao assunto. A escola que assumiu tratar o tema de forma predominantemente implícita, ou seja, vinculando o tema a outros assuntos e áreas do conhecimento, afirmou já possuir um planejamento estruturado para tornar a temática mais explícita durante as aulas em um futuro próximo. Com isso, foi notado que a educação financeira está ganhando cada vez mais enfoque nas salas de aula e se fazendo presente no contexto escolar.

Quanto à percepção dos educadores em relação ao interesse dos estudantes em compreender questões de natureza financeira, fato que atende ao terceiro objetivo específico do estudo, foi identificado que grande parte dos alunos do nível de ensino médio demonstram interesse em aprender sobre o tema. Apesar disso, também foi notado que existe uma pequena parcela que não demonstra tanta motivação em compreender questões envoltas à temática financeira. Foi observado que essa escassez de motivação é justificada pela falta de maturidade dos jovens, por não considerar ser importante se preparar para o futuro ou mesmo por falta de interesse do aluno em aprender questões de natureza financeira. Ainda, como forma de atrair e fomentar o interesse dos estudantes do ensino médio sobre o assunto, foi percebido que utilizar o educador como fator estimulante, contextualizar e aproximar

o tema à realidade dos alunos trazendo situações reais ou mesmo estimulando os alunos para que eles tragam situações para a sala de aula são algumas das possíveis formas de promover maior engajamento dos estudantes e, por consequência, disseminar o conhecimento sobre o tema.

Além disso, foi percebido que os professores buscam trabalhar o assunto de formas distintas a fim de transmitir o assunto mais facilmente aos estudantes e estimulá-los a adquirir de fato o conhecimento do tocante à educação financeira como forma de torná-los cidadãos mais conscientes no futuro. Assim, os educadores buscam abordar o assunto por esferas distintas trabalhando a temática financeira até mesmo em disciplinas de outras áreas do conhecimento como história, geografia, física, filosofia e atualidades. Com isso, os professores objetivam mostrar aos alunos que o tema está presente em diversos contextos e que, em função disso, se faz necessário compreender o assunto. Foi constatado também a percepção sobre a importância do aprendizado de forma precoce como forma de gerar maior familiaridade dos jovens estudantes com o tema e possibilitar que os indivíduos possam aproveitar melhor suas oportunidades e, conseqüentemente, usufruir de uma vida financeiramente mais estável e saudável.

Foi possível perceber que, sob a perspectiva dos professores, ainda existem muitos desafios enfrentados durante o processo de aprendizado de questões de natureza financeira em sala de aula. Assim, correspondendo ao quarto objetivo específico deste estudo, foi notado que os principais desafios enfrentados consistem em fornecer material adequado, bem como formação e capacitação aos professores, garantir que os alunos alcancem o nível de conhecimento esperado em cada etapa do ensino, tempo para trabalhar o assunto dentro do contexto escolar, assim como a pouca experiência e maturidade dos alunos com o ato de lidar com o próprio dinheiro efetivamente. Somando aos empecilhos de garantia de tempo aos educadores para o planejamento adequado das aulas e a escalabilidade, identificados no decorrer da realização da fundamentação teórica deste estudo, foram mapeados os principais desafios enfrentados durante o processo de aprendizagem da educação financeira a jovens estudantes do ensino médio.

Diante do cenário exposto, de forma geral, foi verificado que a educação financeira está cada vez mais ganhando notoriedade no ambiente escolar, conquistando mais enfoque nos currículos das escolas e sendo trabalhada de maneira mais explícita e concisa com os estudantes. Foi percebido que a reforma do

ensino médio foi um fator de grande importância para que o tema viesse a ser mais debatido e, por conseguinte, mais presente nas escolas. Como visto, conhecimentos básicos sobre a temática financeira proporcionam aos indivíduos maior qualidade em decisões financeiras resultando em uma sociedade financeiramente mais consciente e contribuindo assim para o desenvolvimento do país como um todo.

Ressalta-se que o estudo teve como limitação principal a não generalização dos resultados devido a pesquisa ser qualitativa e, por tanto, não apresentar uma amostra suficiente para representação estatística. Limitação de região e tempo foram as outras restrições enfrentadas pelo presente estudo sendo a primeira devido a pesquisadora ter acesso a região de Porto Alegre com maior facilidade e a segunda devido a carga horária apresentada por alguns dos entrevistados participantes da pesquisa.

Sugere-se novas pesquisas sobre o assunto explorando o contexto das escolas públicas do país como forma de verificar semelhanças e diferenças entre os entraves enfrentados durante o processo de aprendizagem da educação financeira a jovens estudantes do ensino médio na rede privada e na rede pública do país. Posteriormente, sugere-se a realização de estudos com outros níveis de ensino a fim de verificar a abordagem da temática com estudantes mais jovens.

Por fim, o presente trabalho foi de grande importância para a pesquisadora, pois possibilitou o maior entendimento sobre a atual abordagem da temática financeira no contexto escolar permitindo analisar os avanços conquistados até o presente momento, bem como compreender os desafios que a educação financeira ainda enfrenta neste contexto. Ademais, o estudo pode ser disponibilizado às escolas como forma de contribuir para a verificação e análise dos principais entraves a serem enfrentados e o quão importante é trabalhar essa temática de forma precoce com os jovens brasileiros buscando contextualizá-los o mais cedo possível com questões envoltas ao assunto e, por consequência, proporcionar um processo de aprendizagem mais familiar a estes jovens estudantes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIROS E DE CAPITAIS (ANBIMA). **Mais da metade dos brasileiros não tem reserva financeira.** [Rio de Janeiro]: ANBIMA, 2017. Disponível em:

https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-tem-reserva-financeira.htm. Acesso em: 19 set. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **A educação financeira nas escolas: desafios e caminhos.** [Brasília]: BCB, 2018. Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/docs/art8_educacao_financeira_escolas.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais.** Brasília: BCB, 2013. Disponível em:

https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/Cuidando_do_seu_dinheiro_Gestao_de_Financas_Pessoais/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2014.

BOND, Letycia. BNCC é “instrumento poderoso” para ensino de qualidade, diz educadora. *In*: AGÊNCIA BRASIL. Brasília, 11 dez. 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/bncc-e-instrumento-poderoso-para-ensino-de-qualidade-diz-educadora>. Acesso em: 16 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é base.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 29 set. 2021.

CALIXTO, Marisley. **Finanças pessoais: estudo de caso de um planejamento financeiro para a aposentadoria.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). **Cresce o número de brasileiros que conversam sobre o orçamento familiar em casa, aponta pesquisa CNDL/SPC Brasil e Banco Central.** [Brasília]: CNDL, 2019.

Disponível em: <https://site.cndl.org.br/cresce-o-numero-de-brasileiros-que-conversam-sobre-o-orcamento-familiar-em-casa-aponta-pesquisa-cndlspc-brasil-e-banco-central-85-dos-entrevistados-costumam-falar-dos-gastos-com-os-familiares-sen/>. Acesso em: 18 set. 2021.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). **Geração Z: Gestão das finanças pessoais.** [Brasília]: CNDL, 2019. Disponível em:

<http://www.cndl.org.br/upload/comunicacao/0519/SPC%20Analise%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20Z.%20Gest%C3%A3o%20das%20Finan%C3%A7as%20Pessoais.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL). **Seis em cada dez brasileiros não se preparam para a aposentadoria, revela pesquisa**

CNDL/SPC Brasil e Banco Central. [Brasília]: CNDL, 2019. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/seis-em-cada-dez-brasileiros-nao-se-preparam-para-aposentadoria-revela-pesquisa-cndlspc-brasil-e-banco-central-2/>. Acesso em: 19 set. 2021.

DIAS, Elton Pereira; SANTOS, Marcelo dos. A importância da Educação Financeira nos conteúdos curriculares dos cursos. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 3167-3188, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/REGS/article/view/10104/7612>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF). **Entendendo a ENEF.** 2019. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Infografico-frente-mesclado.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

FERREIRA, Christiane Bittencourt. **Matemática financeira com planilhas eletrônicas: uma proposta para o Ensino Médio.** 2021. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017. *E-book*. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597012934/epubcfi/6/24\[%3Bvnd.vst.idref%3Dhtml11\]!/4/2/4](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597012934/epubcfi/6/24[%3Bvnd.vst.idref%3Dhtml11]!/4/2/4). Acesso em: 02 nov. 2021.

GRÜSSNER, Paula Medaglia. **Administrando as finanças pessoais para criação de patrimônio.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HALFELD, Mauro. **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro.** 1. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2001.

HARTMANN, Andrei Luís Berres; MARIANI, Rita de Cássia Pistóia; MALTEMPI, Marcus Vinicius. Educação Financeira no Ensino Médio: uma análise de atividades didáticas relacionadas a séries periódicas uniformes sob o ponto de vista da Educação Matemática Crítica. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 35, n. 70, p. 567-587, ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/bx5cbhbVLdRCFy8GVFNGtkJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Porto Alegre, RS: panorama: população.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em: 19 set. 2021.

JACOB, Katy; HUDSON, Sharyl; BUSH, Malcolm. Tools for survival: An analysis of financial literacy programs for lower-income families. **Chicago: Woodstok Institute**, 2000.

LIZOTE, Suzete Antonieta et al. Finanças pessoais: um estudo envolvendo os alunos de ciências contábeis de uma instituição de ensino superior. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 19, p. 71-85, set./dez. 2016.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 21. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MENDES, Juliana de Souza. **Educação financeira para uma melhor qualidade de vida**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Matemática Financeira) – Programa de Pós-Graduação em Matemática Financeira Aplicada aos Negócios, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

NIQUE, Walter Meucci; LADEIRA, Wagner. **Como fazer pesquisa de marketing: um guia prático para a realidade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597013511/>. Acesso em: 02 nov. 2021.

OBSERVATÓRIO. **Área de Matemática da BNCC**. [S. l.], OBSERVATÓRIO, 2020. Disponível em: <https://observatorio.movimentopelabase.org.br/area-de-matematica-da-bncc/>. Acesso em: 07 out. 2021.

OLIVIERI, Maria de Fátima Abud. Educação Financeira. **Revista ENIAC Pesquisa**, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 43-51, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22567/rep.v2i1.108>. Acesso em: 25 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Recomendação sobre os princípios e as boas práticas de educação e conscientização**. [S. l.]: OCDE, 2005. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

PELICIOLI, Alex Ferranti. **A relevância da educação financeira na formação de jovens**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência e Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RADAELLI, Fabíola. **Estudo sobre as finanças pessoais dos alunos de Ciências Contábeis de uma instituição de ensino superior do Vale do Taquari**. 2018. Estágio Supervisionado (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

SAE Digital. **BNCC do Ensino Médio: Tudo o que você precisa saber**. [S. l.]: SAE Digital, 2021. Disponível em: <https://sae.digital/bncc-do-ensino-medio/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SANTANA, Esther. STATUS SOCIAL. *In*: EDUCA MAIS BRASIL. [S. l.], 02 fev. 2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/status-social>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**

[online], Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, nov./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122007000600006>. Acesso em: 04 out. 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **48% dos brasileiros não controlam o próprio orçamento, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil.** [S. l.]: SPC, 2020. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7171>. Acesso em: 07 ago. 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **Apenas 16% dos poupadores diversificam seus investimentos, mostra indicador CNDL/SPC Brasil.** [S. l.]: SPC, 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/noticia/6934>. Acesso em: 20 set. 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **Poupança ainda é o investimento mais escolhido pelos brasileiros, aponta levantamento CNDL/SPC Brasil.** [S. l.]: SPC, 2020. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/7272>. Acesso em: 18 set. 2021.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **4 em cada 10 brasileiros estavam negativados em fevereiro, aponta levantamento CNDL/SPC Brasil.** [S. l.]: SPC, 2020. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/7283>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SILVA, Amarildo Melchiades da; POWELL, Arthur Belford. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 1-17.

SILVA, M. A. da; LEAL, E. A.; ARAÚJO, T. S. Habilidades matemáticas e o conhecimento financeiro no ensino médio. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 12, n. 1, p. 1-17, 2018.

SILVA, Rayssa Gomes da. **Finanças pessoais e o nível de endividamento: a relação entre planejamento financeiro e endividamento da Classe C.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração de Empresas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Tarcísio Pedro da et al. Financial education level of high school students and its economic reflections. (Estados Unidos). **Revista de Administração**, São Paulo, v. 52, n. 3, p. 285-303, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rausp.2016.12.010>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SOARES, Caroline Natali. **Análise do comportamento financeiro dos acadêmicos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade de Passo Fundo – Campus Passo Fundo.** 2015. Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

TOKARNIA, Mariana. CNE aprova nova base nacional curricular para o ensino médio. *In: AGÊNCIA BRASIL*. Brasília, 04 dez. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-12/cne-aprova-nova-base-nacional-curricular-para-o-ensino-medio>. Acesso em: 16 out. 2021.

TOKARNIA, Mariana. Educação financeira chega ao ensino infantil e fundamental em 2020. *In*: AGÊNCIA BRASIL. Brasília, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/educacao-financeira-chega-ao-ensino-infantil-e-fundamental-em-2020>. Acesso em: 01 out. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO ENTREVISTA GESTÃO DAS ESCOLAS

A entrevista tem como objetivo verificar a percepção da gestão das escolas quanto à relevância de abordar a educação financeira nas escolas.

Entrevistado:

Instituição de ensino:

Data e duração da entrevista:

- 1) Qual a sua visão sobre a educação financeira?
- 2) Como você percebe a relação educação financeira e qualidade de vida?
- 3) Você acredita que disseminar a temática financeira pode tornar a sociedade mais consciente sobre as suas tomadas de decisão financeiras? (Se sim, como? Se não, por quê?)
- 4) Quem seria o principal responsável na disseminação da educação financeira? (Governo? Escola? Família?)
- 5) De toda forma, como cada um desses agentes pode contribuir na disseminação da educação financeira?
- 6) Atualmente, a educação financeira é presente nas salas de aula da escola? (Caso sim, como ela é trabalhada? Existe alguma preocupação em vincular conceitos teóricos com a prática?) (Caso não, existe algum planejamento para inserir o tema nas aulas em um futuro próximo?)
- 7) Você percebe alguma demonstração de interesse dos professores sobre a educação financeira ser abordada em sala de aula?
- 8) Acredita que seria importante os professores recebem um preparo específico para abordar tais assuntos? Como é ou poderia ser realizado?
- 9) Como você percebe o interesse dos estudantes sobre o tema? Existe alguma demonstração de interesse sobre?
- 10) Na sua opinião, é difícil ensinar conceitos sobre educação financeira para os jovens deste nível de ensino? (Se sim, por quê? Poderia exemplificar?) (Se não, poderia comentar mais sobre?)
- 11) Quais os impactos você acredita que a educação financeira pode provocar na vida dos jovens estudantes (a curto e longo prazo)?
- 12) Você tem conhecimento de outras escolas que abordem o tema nas salas de aula?

APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA PROFESSORES

A entrevista tem como objetivo verificar a percepção dos professores quanto ao interesse dos alunos em aprender questões de âmbito financeiro, bem como os principais desafios enfrentados durante o processo de ensino da educação financeira.

Entrevistado:

Instituição de ensino:

Data e duração da entrevista:

- 1) Qual a sua percepção sobre o dinheiro? (Sobre o ato de poupar, investir, etc.)
- 2) Qual a sua visão sobre a educação financeira?
- 3) Como você percebe a relação educação financeira e qualidade de vida?
- 4) Quem seria o principal responsável na disseminação da educação financeira? (Governo? Escola? Família?)
- 5) De toda forma, como cada um desses agentes pode contribuir na disseminação da educação financeira?
- 6) Você percebe a educação financeira presente (seja de forma implícita ou explícita) durante as aulas? (Caso sim, em quais disciplinas? E como o tema é trabalhado em aula?) (Caso não, acredita que seria importante introduzir esse assunto nas aulas? Como poderia acontecer essa abordagem?)
- 7) Para você, os alunos demonstram interesse em aprender conceitos envolvidos à educação financeira?
- 8) Como você acredita que o assunto poderia se tornar mais atrativo aos alunos do ensino médio?
- 9) Na sua opinião, é difícil ensinar conceitos sobre educação financeira para os alunos do ensino médio? (Se sim, por quê? Poderia exemplificar?) (Se não, poderia comentar mais sobre?)
- 10) Você acredita que os professores poderiam receber um preparo específico para trabalhar esse assunto durante as aulas? Como poderia ser realizado?
- 11) O que você acha que aconteceria caso as pessoas adquirissem maiores conhecimentos sobre questões de âmbito financeiro?
- 12) Você acredita que quanto mais cedo os jovens adquirem conhecimentos financeiros melhores serão as suas futuras decisões financeiras? Por quê?

ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 1



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE
INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, Tacielly Soares Limeira, aluno(a) do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1807036, declaro que a Empresa/Instituição Instituto São Francisco Zona Norte objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação Financeira: principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio entregue no semestre 2022/1, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 22 de março de 2022

Tacielly Soares Limeira
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Vitor Luiz Hinrichsen
Diretor Pedagógico
Aut. SE nº39/96

Nome do responsável da Empresa/Instituição

Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

92.942.341/0001-02

Sociedade Beneficente e Educacional São Cristóvão
Instituto de Educação São Francisco
Av. Baltazar da Oliveira Garcia, 4879 - Rubem Berta
Porto Alegre - RS CEP: 91180-001

ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 2



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE
INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.**

Eu, Tacielly Soares Limeira, aluno(a) do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1807036, **declaro que a Empresa/Instituição Colégio Pastor Dohms – Unidade Higienópolis objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação Financeira: principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio entregue no semestre 2022/1, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.**

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 31 de março de 2022.

Tacielly Soares Limeira
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Lucas Cattaneo
Nome do responsável da Empresa/Instituição



Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 3



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, Tacielly Soares Limeira, aluno(a) do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1807036, declaro que a Empresa/Instituição Colégio Santa Doroteia objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação Financeira: principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio entregue no semestre 2022/1, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 6 de Abril de 2022.

Tacielly Soares Limeira
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Nome do responsável da Empresa/Instituição

Alessandra Padilha
Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

ANEXO D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 4



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE
INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, Tacielly Soares Limeira, aluno(a) do Curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1807036, **declaro que a Empresa/Instituição Colégio Farroupilha objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação Financeira: principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio entregue no semestre 2022/1, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.**

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 07 de abril de 2022.

Tacielly Soares Limeira
Assinatura do Aluno

Ciência da empresa

MARICIA DA SILVA FERRI
Nome do responsável da Empresa/Instituição

Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

Marícia Ferri
Diretora Pedagógica

ANEXO E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE: ESCOLA 5



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Graduação

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE PARA COLETA DE
INFORMAÇÕES DE EMPRESA/INSTITUIÇÃO.

Eu, Tacielly Soares Limeira, aluno(a) do **Curso de Administração** da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, matriculado(a) sob o número 1807036, **declaro que a Empresa/Instituição Colégio Marista Rosário objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Educação Financeira: principais desafios no processo de aprendizagem no ensino médio entregue no semestre 2022/1, permitiu a pesquisa e o uso de todos os dados que nele constam.**

Declaro, ainda, que as informações apresentadas são verdadeiras e correspondem à realidade da Instituição estudada.

A Empresa/Instituição autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social.

A Empresa/Instituição não autorizou a divulgação do seu nome fantasia/razão social. Nesse caso, responsabilizo-me em preservar o nome da Instituição de forma a que ela não seja passível de identificação no meu Trabalho.

Porto Alegre, 14 de abril de 2022.

Tacielly Soares Limeira
Assinatura do aluno

Ciência da empresa

Leila Raquel de Almeida
Nome do responsável da Empresa/Instituição

Almeida
Assinatura do Responsável da Empresa/Instituição
Carimbo ou CNPJ

Leila Raquel de Almeida
Vice-Diretora Educacional
Reg. SOME nº 0-181/21

